

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

SCHANA NARDI

**BULLYING E CYBERBULLYING
ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO NO AMBIENTE
ESCOLAR PELO OLHAR DOS PROFESSORES**

PORTO ALEGRE

2015

SCHANA NARDI

BULLYING E CYBERBULLYING

**ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO NO AMBIENTE
ESCOLAR PELO OLHAR DOS PROFESSORES**

**Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito
parcial para a obtenção do grau de
Especialista em Mídias na
Educação, pelo Centro
Interdisciplinar de Novas
Tecnologias na Educação da
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul – CINTED/UFRGS.**

Orientador(a):

Fernando Favaretto

PORTO ALEGRE

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação:

Profa: Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa:

Liane Margarida Rockenbach Tarouco

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as energias positivas que me auxiliaram na construção deste trabalho.

Ao meu orientador Professor Fernando Favaretto que sensivelmente escutou meus questionamentos e dúvidas, contribuindo generosamente para esta pesquisa.

Aos professores; meus colegas de trabalho que responderam os questionários desta investigação e compartilharam seus medos e anseios.

A minha família; meu esposo Evandro e meu filho Vinícius agradeço pelo apoio durante esta jornada.

Aos meus pais; Rosane e Adir pelo incentivo constante.

A não-violência não pode ser definida como um
método passivo ou inativo.

É um movimento bem mais ativo que outros e exige
o uso das armas.

A verdade e a não-violência são, talvez, as forças
mais ativas de que o mundo dispõe.

Mahatma Gandhi

RESUMO

Este trabalho teve como ponto de partida o propósito de refletir sobre a temática bullying e cyberbullying no ambiente escolar, a partir da verificação das concepções dos professores a respeito deste fenômeno e da demonstração das relações entre a compreensão que os professores têm acerca desse tipo de violência e possíveis alternativas para combatê-lo.

Consideramos que o papel do professor se enquadre na organização de debates a respeito do bullying e cyberbullying tanto nas salas de aulas, quanto na escola. Os procedimentos metodológicos utilizados para a pesquisa foram estudos do referencial teórico, aplicações de questionários à professores de uma escola da rede pública municipal, localizada na cidade de Guaporé - RS.

A análise de dados foi realizada por meio de uma comparação das respostas dos questionários, ressaltando as principais percepções de cada um dos professores a respeito do assunto. Com esses dados percebe-se que os profissionais da educação não estão preparados para enfrentar os casos de bullying e cyberbullying que ocorrem nas instituições escolares.

Com isso observou-se que esse assunto é pouco valorizado entre os professores, os quais não possuem um conhecimento aprofundado dos males que esta prática pode gerar nos alunos envolvidos, tanto no âmbito emocional e psicológico como na aprendizagem. A falta de diálogo entre professor e aluno, entre os pais e seus filhos, e também a falta de uma maior aproximação que há entre a escola e as famílias, dificulta a resolução desses problemas. Porém, embora para a maioria dos professores o bullying seja visto como um problema, o cyberbullying ainda não é. Segundo os entrevistados o bullying virtual não está acontecendo entre os alunos da escola, ou, quando aconteceu, foi de forma esporádica e pontual. É curiosa essa percepção, já que todos eles relataram que os alunos estão cada vez mais conectados, usam a internet nos seus celulares, embora haja coibição do uso na escola, já que é proibido por lei. Ao que tudo indica, na visão dos professores o bullying fica restrito ao ambiente offline,

embora eles tenham descrito a relação dos jovens com a internet como intensa e até patológica.

Essas questões precisam ser discutidas seriamente na escola, que deve reconhecer a existência do bullying e do cyberbullying, não apenas dentro do ambiente escolar como para além de seus espaços, e criar estratégias de intervenção e prevenção eficazes, envolvendo alunos e seus pais, no combate a violência.

Palavras – chaves: educação, bullying, cyberbullying

ABSTRACT

This work had as its starting point the purpose of reflecting on the theme bullying and cyberbullying in the school environment, from the verification of teachers' conceptions about this phenomenon and demonstration of the relationship between the understanding that teachers have about this kind of violence and possible alternatives to combat it.

We believe that the teacher's role fits in organizing discussions about bullying and cyberbullying both in the classroom, and at school. The methodological procedures used for research studies were the theoretical framework, application of questionnaires to teachers of a municipal public school, located in Guaporé - RS.

Data analysis was performed by means of a comparison of questionnaire responses, highlighting the main perceptions of each teacher on the subject. With this data it is clear that education professionals are unprepared to deal with cases of bullying and cyberbullying that occur in schools.

Thus it was observed that the issue is little valued among teachers, who do not have a thorough understanding of the evils that this practice can generate in students involved in both the emotional and psychological context as learning. The lack of dialogue between teacher and student, between parents and their children, and also the lack of a closer relationship that exists between the school and families, makes it difficult to solve these problems. However, although for most bullying teachers be seen as a problem, is not cyberbullying. According to the respondents virtual bullying is not happening among school students, or when it happened, was sporadic and timely manner. It is curious that perception, since they all reported that students are increasingly connected, use the internet on their phones, although there restraint use in school, since it is prohibited by law. Apparently, in the view of teachers bullying is restricted to offline environment,

although they described the relationship of young people with the Internet as intense and even pathological.

These issues need to be seriously discussed at school, you should recognize the existence of bullying and cyberbullying, not only within the school environment as apart of its spaces, and create effective intervention and prevention strategies, involving students and parents in the fight the violence.

Key - words: education, bullying, cyberbullying

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Qual a formação dos professores entrevistados?.....	42
Figura 02: Qual o tempo de exercício docente dos professores entrevistados?.....	43
Figura 03: Qual é a média da idade dos professores entrevistados?.....	44
Figura 04: Você mantém contato com seus alunos através das redes sociais?.....	45
Figura 05: Existe um acompanhamento especializado ou reuniões periódicas para verificar a existência de casos de bullying na escola?.....	47
Figura 06: Quando é diagnosticado um caso de bullying, é de imediato comunicado aos pais? Como eles reagem?.....	48
Figura 07: Como reagem ao saberem da ocorrência, tanto o aluno vítima como o agressor?.....	49
Figura 08: Com relação ao cyberbullying, a escola toma providências ao saber do envolvimento de seus alunos mesmo que seja fora do ambiente escolar?.....	51
Figura 09: Existe orientação, medidas educativas ou trabalho de acompanhamento aos agressores? Quais?.....	53
Figura 10: Que estratégias que poderiam ser feitas pela ou na escola para evitar o bullying e o cyberbullying, para um melhor e mais saudável uso das redes sociais?.....	54

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
1. MÍDIAS NA EDUCAÇÃO	14
2. BULLYING E CYBERBULLYING	20
2.1 Origem e conceito sobre Bullying	20
2.1.1 Perfil de vítimas e agressores	22
2.1.2 Vítima típica	23
2.1.3 Vítima provocadora	24
2.1.4 Vítima agressora	24
2.1.5 Características do agressor	25
2.2 Cyberbullying	27
2.3 O papel da escola diante desse problema	33
3. O CYBERBULLYING PELO OLHAR DOS PROFESSORES	37
3.1 Contexto da escola	37
3.2 Aplicação do questionário	41
3.3 Principais resultados da pesquisa	41
3.4 Propostas de intervenção	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
ANEXOS	67

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O propósito deste trabalho foi estabelecido a partir de observações informais no nosso cotidiano e, também, no dia-a-dia das escolas. Verifica-se que há uma discussão intensa sobre o tema da agressividade e da violência, não só na sociedade em geral, mas também, nas instituições escolares, através do bullying, através do qual a presença de comportamentos agressivos tem sido cada vez mais forte.

Diante desse contexto, avalia-se a necessidade urgente não só de debatermos e compreendermos o bullying como também de elaborarmos, em conjunto, ações que possam ser desenvolvidas junto aos alunos, às suas famílias, às escolas e à sociedade de modo mais amplo, a fim de minimizá-lo ou extingui-lo.

O primeiro contato com o conceito de bullying surpreendeu-nos, devido às diversas formas de violência que hoje encontramos nas escolas. Para tanto, apontamos como questões norteadoras deste trabalho, as seguintes perguntas: Qual o conceito que se tem sobre bullying? Que ações a escola deve desenvolver diante dos comportamentos agressivos na instituição? Qual o papel da família diante dos comportamentos agressivos? Que encaminhamentos podem ser feitos pela escola para evitar o bullying e o cyberbullying para um melhor e mais saudável uso das redes sociais?

Como objetivos, destacamos a importância de conscientizar os pais, professores e demais profissionais da educação sobre a importância da construção de ações preventivas, diagnósticas e de atuação à comportamentos de bullying e cyberbullying nas escolas, transformando atitudes agressivas em companheirismo e solidariedade, respeito e amizade. Também é essencial orientar os mesmos quanto ao enfrentamento a esta violência, habilitando os agressores a uma convivência social sadia e segura. Nesse sentido, pensamos que focar nosso trabalho nos professores, uma vez que através de sua atuação docente cotidiana junto aos estudantes pode-se conseguir melhores ações e reflexões sobre esse fenômeno tão atual. Também pode-se dizer que são os

professores os mediadores entre o ambiente familiar e o espaço formal escolar, razão pela qual seu papel no combate ao bullying também se torna relevante.

Devido ao bullying evidenciar-se no ambiente escolar, entendemos este comportamento como uma forma de o indivíduo se reafirmar ou de se impor diante das regras da instituição e das pessoas com quem convive.

Também foi verificado que muitos professores conhecem o fenômeno bullying, seja no cotidiano escolar hoje, seja através das suas histórias de vida. Contudo, existe carência de uma reflexão mais profunda sobre o tema e que dê voz a percepção dos professores em relação a essa violência institucional (bullying), na busca por um ambiente educativo mais acolhedor, compreensivo e respeitoso das diferenças.

Capítulo 01 - Mídias na Educação

Nos dias atuais, tornou-se necessário criar espaços para a identificação e o diálogo entre várias formas de linguagem, permitindo que as pessoas se expressem de diferentes maneiras.

A linguagem, por si só, já constitui um instrumento de interação entre o pensamento humano e o seu meio. Essa comunicação pode ocorrer de modo direto ou pode ser mediada por outros instrumentos e artefatos (tecnologias).

Considerando-se que o indivíduo se desenvolve e interage com o mundo utilizando suas múltiplas capacidades de expressão por meio de variadas linguagens constituídas de signos orais, textuais, gráficos, imagéticos, sonoros, entre outros, as mídias passam a configurar novas maneiras para os indivíduos utilizarem e ampliarem suas possibilidades de expressão, constituindo novas interfaces para captarem e interagirem com o mundo.

Segundo Brasil (2012, p. 1),

estamos vivendo em um mundo em constantes mudanças. Essas mudanças foram aceleradas nos últimos dez anos, principalmente pelos avanços científicos e tecnológicos que, juntamente com as transformações sociais e econômicas, revolucionaram as formas como nos comunicamos, nos relacionamos com as pessoas, os objetos e com o mundo ao redor. Encurtaram-se as distâncias, expandiram-se as fronteiras, o mundo ficou globalizado. As novas mídias e tecnologias estão relacionadas com todas essas transformações.

Todas essas transformações acontecem de alguns anos para cá, em uma velocidade que para nós professores, às vezes, fica difícil de acompanhar, pois são tantas as situações que acontecem que quando percebemos nossos alunos já estão eufóricos, curiosos nos questionando sobre o nosso conhecimento sobre às tecnologias. Isso, por um lado nos assusta pois são muitos os

questionamentos, mas por outro, nos motiva a procurar as respostas, e sair dessa zona de conforto, na qual às vezes, nos encontramos.

Os alunos trazem para as escolas questões que dizem respeito diretamente ao mundo interconectado por meio das tecnologias e mídias, fazendo com que os professores muitas vezes sintam-se perdidos.

O Professor José Manuel Moran (2007), observa que antes de a criança chegar à escola, já passou por processos de educação importantes: pelo familiar e pela mídia eletrônica.

No ambiente familiar, a criança vai desenvolvendo as suas conexões cerebrais, os seus roteiros mentais, emocionais e suas linguagens. Os pais, principalmente a mãe, facilitam ou complicam, com suas atitudes e formas de comunicação mais ou menos maduras, o processo de aprender a aprender dos seus filhos.

Sabemos todos que a criança também é educada pela mídia, principalmente pela televisão. Aprende a informar-se, a conhecer os outros, o mundo, a si mesmo a sentir, a fantasiar, a relaxar, vendo, ouvindo, "tocando" as pessoas na tela, que lhe mostram como viver, ser feliz e infeliz, amar e odiar. A relação com a mídia eletrônica é prazerosa, ninguém obriga é feita por meio da sedução, da emoção, da exploração sensorial, da narrativa aprendemos vendo as histórias dos outros e as histórias que os outros nos contam.

Mesmo durante o período escolar, a mídia mostra o mundo de outra forma mais fácil, agradável, compacta sem precisar fazer esforço. Ela fala do cotidiano, dos sentimentos, das novidades. A mídia continua educando como contraponto à educação convencional, educa enquanto estamos entretidos.

Se faz necessário permitir a incorporação de novos ambientes de aprendizagem nas escolas e, também, levar esses ambientes para além dos muros das escolas, rompendo com as limitações das grades curriculares e fazendo da escola um espaço de produção de conhecimento articulado com outros espaços que, hoje, também trabalham com o conhecimento. A produção científica também é impactada pelos novos ambientes de aprendizagem e ignorar suas consequências no fazer pedagógico é crer em sua neutralidade e prejudicar uma geração de aprendizes.

A informação e o conhecimento não se encontram mais fechados no âmbito da escola, mas foram democratizados. O novo desafio que se abre na educação, frente a esse novo contexto, é como orientar o aluno, a saber o que fazer com essa informação, internalizá-la na forma de conhecimento e, principalmente, como fazer para que ele saiba aplicar esse conhecimento com autonomia e responsabilidade.

Compreender as diferentes formas de representação e comunicação propiciadas pelas tecnologias disponíveis na escola, bem como criar dinâmicas que permitam estabelecer o diálogo entre as formas de linguagem das mídias, são desafios para a educação atual.

Leite (2008) estimula uma reflexão sobre diferentes momentos da cultura e como eles impactaram a forma de elaborar e representar o conhecimento. Ela defende que os educadores se perguntem de qual maneira querem que a mídia deve ser integrada ao processo pedagógico e, ao mesmo tempo, sugere que não seja de uma forma tecnicista, como mero recurso de apoio.

A mesma autora defende que os educadores devem interagir com a mídia sem cobrança educativa, mas a partir de sua adequação à proposta pedagógica em questão, integrando-a ao processo educativo em consonância com a abordagem da tecnologia educacional. Além disso, ressalta que a escola de hoje deve ser problematizadora, desafiadora, agregadora de indivíduos pensantes que constroem conhecimento colaborativamente e de maneira crítica. Nessa perspectiva o educador deve ser mais do que nunca um estimulador, coordenador e parceiro do processo de ensino e aprendizagem e não mais um transmissor de conhecimento fragmentado em disciplinas”.

De acordo com Brasil (2012)

tecnologia é um termo usado para atividades de domínio humano, embasada no conhecimento, manuseio de um processo e ou ferramentas e que tem a possibilidade de acrescentar mudanças aos meios por resultados adicionais à competência natural, proporcionando desta forma, uma evolução na capacidade das atividades humanas, desde os primórdios do tempo, e historicamente relatadas como revoluções tecnológicas.

Inserir-se na sociedade da informação não quer dizer apenas ter acesso à tecnologia de informação e comunicação - TIC, mas principalmente saber utilizar essa tecnologia para a busca e a seleção de informações que permita a cada pessoa resolver os problemas do cotidiano, compreender o mundo e atuar na transformação de seu contexto. Assim, o uso da TIC com vistas à criação de uma rede de conhecimentos favorece a democratização do acesso à informação, a troca de informações e experiências, a compreensão crítica da realidade e o desenvolvimento humano, social, cultural e educacional. Tudo isso poderá levar à criação de uma sociedade mais justa e igualitária.

O homem apreende a realidade por meio de uma rede de colaboração na qual cada ser ajuda o outro a desenvolver-se, ao mesmo tempo que também se desenvolve. Todos aprendem juntos e em colaboração. "Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo" (Freire, 1993, p.9)

Aprender em um processo colaborativo é planejar; desenvolver ações; receber, selecionar e enviar informações; estabelecer conexões; refletir sobre o processo em desenvolvimento em conjunto com os pares; desenvolver a aprendizagem, a competência de resolver problemas em grupo e a autonomia em relação à busca e ao fazer por si mesmo. As informações são selecionadas, organizadas e contextualizadas segundo as necessidades e interesses momentâneos do grupo, permitindo estabelecer múltiplas e mútuas relações e recursões, atribuindo-lhes um novo sentido que ultrapassa a compreensão individual.

Criar ambientes de aprendizagem com a presença das TIC significa utilizá-las para a representação, a articulação entre pensamentos, a realização de ações, o desenvolvimento de reflexões que questionam constantemente as ações e as submetem a uma avaliação contínua.

O professor que associa as TIC aos métodos ativos de aprendizagem desenvolve a habilidade técnica relacionada ao domínio da tecnologia e, sobretudo, articula esse domínio com a prática pedagógica e com as teorias educacionais que o auxiliem a refletir sobre a própria prática e a transformá-la,

visando explorar as potencialidades pedagógicas das TIC em relação à aprendizagem e à consequente constituição de redes de conhecimentos. Para incorporar a TIC na escola, é preciso ousar, vencer desafios, articular saberes, tecer continuamente a rede, criando e desatando novos nós conceituais que se inter-relacionam com a integração de diferentes tecnologias, com a linguagem hipermídia, teorias educacionais, aprendizagem do aluno, prática do educador e a construção da mudança em sua prática, na escola e na sociedade. Essa mudança torna-se possível ao propiciar ao educador o domínio da TIC e o uso desta para inserir-se no contexto e no mundo, representar, interagir, refletir, compreender e atuar na melhoria de processos e produções, transformando-se e transformando-os.

"A simples introdução dos meios e das tecnologias na escola pode ser a forma mais enganosa de ocultar seus problemas de fundo sob a égide da modernização tecnológica. O desafio é como inserir na escola um ecossistema comunicativo que contemple ao mesmo tempo: experiências culturais heterogêneas, o entorno das novas tecnologias da informação e da comunicação, além de configurar o espaço educacional como um lugar onde o processo de aprendizagem conserve seu encanto". (MARTÍN BARBERO, 1996, p.12)

Pensando bem, a nossa visão de mundo é perpassada pelas relações que estabelecemos com ele, ou seja, todo o sistema de comunicação simbólica (verbal, imagético, textual) existente no mundo influi em nosso ser. Ao nos comunicarmos com o outro influímos também em seu modo de ser, agir e pensar.

Somos sujeitos da construção de uma sociedade e vamos constituindo-nos como pessoas nas relações que estabelecemos com ela; à medida que modificamos o mundo, somos transformados por ele.

Diante da constatação de que as mídias envolvem e estão envolvidas com um complexo sistema de comunicação que incorpora organizações de distintos setores (empresarial, financeiro, político...), se torna necessário identificar suas influências nos espaços escolares e enfrentar o desafio de desenvolver a consciência crítica dos alunos para que possam compreender a mídia como instrumentos que permitem tanto a manipulação do pensamento e a manutenção do poder como a emancipação humana e a democratização da informação.

Para avançar além da leitura crítica, é preciso criar condições que propiciem aos alunos a participação ativa no debate e na incorporação de mídias, trabalhando com as diferentes linguagens de representação que caracterizam as mídias.

A educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações. É importante educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos e a formação de cidadãos responsáveis. Não se trata de propor mudanças na educação pela ótica do domínio das tecnologias sob a justificativa da modernidade e sim de propiciar aos alunos a utilização das mídias para a expressão de ideias, a produção de conhecimento, a comunicação e a interação social.

Capítulo 2 - Bullying e Cyberbullying

2.1. Origem e conceito sobre Bullying

Para Fante (2011), o bullying é considerado um fenômeno mundial tão antigo quanto à escola. Mesmo os professores tendo a consciência deste fenômeno incluindo agressor e vítima, pouco estudo se tinha até a década de 1970. Os estudos iniciaram-se na Suécia e na Dinamarca. Nesta época eclodiu o interesse da sociedade pelo caso que em seguida se espalhou para outros países.

Em seguida, na Noruega em 1982, ocorreram três suicídios de crianças, que possivelmente aconteceram motivados por conhecidos da escola. De acordo com Fante apud Jesus (2011, p. 14), “

O pesquisador da Universidade de Bergen, Dan Olweus, criou os primeiros métodos para identificar o bullying de forma específica, permitindo assim, distingui-lo de outros tipos de brincadeiras comuns entre crianças e jovens. O programa de intervenção proposto Olweus tinha como característica de desenvolver regras claras contra o bullying nas escolas, alcançar um envolvimento ativo por parte dos professores e dos pais, aumentar a conscientização do problema para eliminar mitos sobre o bullying e promover apoio e proteção para as vítimas. Na Noruega, foi desenvolvida uma pesquisa de muita grandeza, sobre o assunto ampliando os estudos para vários países europeus”

O objetivo da pesquisa era desenvolver métodos básicos contra o bullying, tendo como interesse a participação ativa dos professores e dos pais no entendimento do problema e conceder a ajuda as vítimas (FANTE apud JESUS, 2011).

No Brasil, adotamos o termo que, de maneira geral, é empregado na maioria dos países: bullying. bully, enquanto nome, é traduzido como “valentão”, “tirano”, e como verbo, “brutalizar”, “tiranizar”, “amedrontar”.

De acordo com Cléo Fante (2011) o bullying é um subconjunto de comportamentos agressivos, sendo caracterizado pela sua natureza repetitiva e por desequilíbrio do poder. São vários os pesquisadores, estudiosos, que conceituam o bullying. Um deles é Cléo Fante, que, de uma maneira sistemática, potencializa seu conceito como sendo um conjunto de atitudes agressivas intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outros, causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais.

A julgar pelo fato de que o bullying ocorre nas relações interpessoais mais diversas, como escolas, condomínios, famílias, trabalhos, ambientes recreativos, de acordo com Fante, ele pode ser entendido como um comportamento cruel em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar.

Através das conceituações de bullying abordadas, pode-se compreendê-lo como uma prática agressiva, intencional, sendo esta física ou verbal, em que os agressores (também chamados de bullies), podendo ser do sexo masculino ou feminino, abordam conscientemente de maneira repetitiva de acordo com Cléo Fante. Pesquisadores consideram a prática de bullying a partir de, no mínimo, três ataques contra a mesma vítima durante o ano um alvo, que também pode ser de ambos os sexos, aparentemente frágil e, possivelmente, sem condições de se defender sozinho, sofrendo, consequências psicológicas.

O bullying é diferente de uma brincadeira inocente, sem intenção de ferir; não se trata de um ato de violência pontual, de troca de ofensas no calor de uma discussão, mas sim de atitudes hostis, que violam o direito a integridade física e psicológica e à dignidade humana. Trata-se de uma ameaça ao direito à educação, ao desenvolvimento, a saúde e a sobrevivência de muitas vítimas. As

vítimas se sentem indefesas, vulneráveis, com medo e vergonha, o que favorece o rebaixamento de sua auto-estima e a vitimização continuada e crônica.

O bullying interfere no processo de aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo, sensorial e emocional. Favorece o surgimento de um clima escolar de medo e insegurança, tanto para aqueles que são alvos como para os que assistem calados às mais variadas formas de ataques. O baixo nível de aproveitamento, a dificuldade de integração social, o desenvolvimento ou agravamento das síndromes de aprendizagem, os altos índices de reprovação e evasão escolar têm o bullying como uma de suas causas.

O bullying não precisa necessariamente de um motivo para atuar, uma vez que o agressor escolhe suas vítimas na medida em que acredita que elas vão ceder às suas imposições, justamente, por passar uma imagem de fraqueza, de que não irá saber se defender caso seja provocado e que, de acordo com Cleo Fante (2011), seja tímido (a), tenha pouca habilidade de autoafirmação e grande dificuldade em se relacionar.

São comuns entre os alunos divergências de pensamentos, opiniões e diversos tipos de conflitos, alguns têm a necessidade de se auto-afirmarem e de comprovarem o seu poder dominador. Para Fante (2011) o alvo ideal do agressor é aquele que apresenta características como ansiedade, insegurança, passividade, timidez, dificuldade de ser agressivo e de se impor, aparentemente indefeso e são alunos que possivelmente, logo serão descobertos pelo agressor. A autora ressalta ainda que, para o agressor, o bode expiatório com sua ansiedade, ausência de defesa e choro acaba ocasionando um forte sentimento de superioridade e supremacia.

2.1.1 PERFIL DE VÍTIMAS E AGRESSORES

As vítimas também são conhecidas como “alvos” do bullying. É a parte “escolhida” dessa relação para sofrer ameaças, humilhações, perseguições, intimidações, maus tratos e chamam atenção, incomodam, pelo simples fato de terem hábitos, comportamentos, etnia, sotaques diferentes, por não se enquadrarem em um padrão de beleza que foi estipulado pela sociedade,

através do qual algumas pessoas não se importam, outras viram escravas e uma boa parte sofre preconceito.

O perfil desses alvos, de acordo com Gabriel Chalita (2008), é o de pessoas inseguras, retraídas e de baixa auto-estima, pouco sociáveis, que não pedem ajuda por acharem que merecem passar por tal sofrimento, e com isso, a dor e a angústia são prolongados pela falta de intervenção. As vítimas sofrem caladas, pois não possuem habilidades para fazer com que as provocações e os sofrimentos acabem. A tendência é buscarem, cada vez mais, o isolamento.

Com o tempo os pais e os professores começam a perceber algumas mudanças no comportamento das vítimas, pois passam a exteriorizar, mesmo sem querer, um sofrimento que vem causando danos internos, através do baixo rendimento escolar, da resistência em ir ao colégio, começam a responder com mais agressividade dentro de casa, são tomados por um sentimento de raiva que muitas vezes os levam a atos extremos, tudo pela ânsia de se vingar de todo um histórico de humilhações, o sofrimento se mistura com uma forte depressão, vontade de autodestruição e, de acordo com Fante (2011) alguns preferem suicidar-se a continuar aguentando tanto sofrimento .

Não se pode prever qual a consequência do sofrimento da vítima, a resposta diante de tanta provocação vai depender de cada um. Diante disso Fante (2011) diferencia a existência das vítimas, que são também protagonistas envolvidas no fenômeno bullying.

2. 1. 2 VÍTIMA TÍPICA

É aquela que serve de bode expiatório para um grupo. Geralmente, uma pessoa pouco sociável, que sofre consequências de comportamentos agressivos e não reage, por não saber mesmo como se defender, não possuir habilidades para fazer cessar essas agressões. Características mais comuns, segundo autora, são: fisicamente mais frágeis que os seus companheiros; medo de ser machucado, de que alguém possa causar danos, ou de não ser útil nos esportes e nas brigas (no caso dos meninos); timidez, dificuldade de aprendizagem, muita sensibilidade, ansiedade, aspecto depressivo. Essa vítima possui um

comportamento não-agressivo, motivo pelo qual o agressor percebe que não vai revidar quando atacado. Portanto, é aquela vítima que sofre as agressões sem motivos, sem externar sua indignação, e acha que merece passar por aquilo pelo fato de ela mesma não se aceitar.

2.1.3 VÍTIMA PROVOCADORA

Como o próprio nome diz, provoca, e atrai reações agressivas contra as quais não consegue lidar, por isso é a vítima. Ela sempre tenta brigar, ou responder aos ataques, mas, geralmente sem sucesso. É uma criança hiperativa, pirracenta, dispersa, inquieta, e de um modo geral, imatura, tola, e quase sempre responsável por causar tensões nos lugares em que se encontra.

2.1.4 VÍTIMA AGRESSORA

É a que reproduz os maus-tratos sofridos, geralmente, dentro de casa, ou na escola. É aquela que busca por indivíduos mais fracos para transferir seu sofrimento, para transformá-los em bodes expiatórios. Essa atitude tem contribuído para expansão do bullying, aumentando o número de vítimas, pois ao invés de tentar resolver a situação e cessar a violência, a vítima expande o problema, passando a fazer o mesmo com outras pessoas, julgadas por ela, mais fracas, indefesas. É uma forma que ela encontra de não se sentir tão vítima. De acordo com Gabriel Chalita (2005), são pessoas que sofrem ao mesmo tempo em que praticam as agressões e jamais tiveram oportunidade de aprender o sentido ético das relações: “Não faça para o outro o que não deseja para você”. Entram nesse parâmetro aquelas pessoas que sofreram e, num momento de fúria, cometeram as mais variadas vinganças, chegaram a atos extremos, causando sofrimentos maiores.

2.1.5 CARACTERÍSTICAS DO AGRESSOR

Para que exista uma vítima, um sofredor, é necessário que haja alguém que pratique as maldades, as crueldades, que cause o sofrimento, pode ser menino ou menina, ser uma pessoa apenas ou um grupo que é sempre liderado por alguém, e é chamado (a) de agressor ou bullie.

Para Fante (2005), o agressor ou bullie é aquele que intimida os mais fracos, vitimizando-os. Independente do sexo costuma ser uma pessoa de pouca empatia, geralmente faz parte de uma família desestruturada. Ele se apresenta mais forte que seus colegas e suas vítimas; pode ser da mesma idade ou mais velho. Sente necessidade de subjugar, de se impor e dominar mediante demonstração de poder e ameaças para conseguir o que quer. É mau-caráter, impulsivo, impaciente, não aceita normas, regras, não gosta de ser contrariado. Adota condutas anti-sociais como roubo, vandalismo, uso de álcool, sente-se atraído por más companhias. Nas séries iniciais seu rendimento escolar é normal ou acima da média, porém, nas demais séries possui notas baixas e condutas negativas perante a escola.

De acordo com Gabriel Chalita (2008), o agressor precisa de uma platéia para agir, caso contrário não teria para quem se exhibir e manifestar o seu poder. Geralmente anda em grupos, pessoas com as quais dividem a responsabilidade dos seus atos e se sentem apoiados para darem continuidade ao fenômeno. E essas pessoas que rodeiam o bullie também são consideradas como agressores.

Concordando com Chalita (2008), Fante (2005) diz que os autores muitas vezes se envolvem em situações anti-sociais e de risco, usam drogas, álcool, fumam, se envolvem em brigas. Chalita afirma também que apesar de não haver estudos conclusivos, é possível que esses valentões, no futuro, se tornem adultos com comportamentos violentos ou até mesmo criminosos.

As ações do agressor, de acordo com Gabriel Chalita (2008), são dadas sem motivação aparente e consistem em humilhar, intimidar, insultar, destruir pertences pessoais, ameaçar, simular situações em que a vítima seja constrangida, depreciar a família da vítima com comentários maldosos, isolar,

chantagear, usar as tecnologias da informática e com isso praticar o cyberbullying.

Ao analisar o comportamento dos personagens, os estudiosos focam também o berço, ou seja, a família. E no caso dos agressores, o perfil familiar, segundo Chalita, diz muito sobre o seu comportamento. Geralmente, são famílias nas quais o afeto é escasso, os pais não acompanham o desenvolvimento do caráter do filho, deixando-os agir sem orientação ou supervisão. Nos momentos de conflito, os pais oferecem um modelo agressivo de comportamento, o que acaba refletindo na conduta do aluno diante dos colegas, o que não significa dizer que a culpa do bullying esteja nos pais e na educação que é passada dentro de casa, mas, sim, o afeto, o acolhimento do ambiente familiar é um fator importante e que merece vigilância e intercessão.

A respeito disso, Fante (2011) diz que as causas desse comportamento abusivo podem ser inúmeras, tais como carência afetiva, ausência de limites e modo de afirmação de poder e de autoridade dos pais sobre os filhos, por meio de “práticas educativas” que incluem maus-tratos físicos e explosões emocionais violentas.

Através de pesquisas feitas pela autora, 80% dos agressores afirmaram uma necessidade de reproduzir contra outros os maus-tratos sofridos dentro de casa. Em decorrência disso, pesquisas possibilitaram identificar a existência de uma Síndrome de Maus-Tratos Repetitivos – SMAR, considerada uma doença psicossocial expansiva e decorrente de uma série de sinais e sintomas, tais como: irritabilidade, agressividade, impulsividade, intolerância, tensão, explosões emocionais, raiva reprimida, depressão, stress, sintomas psicossomáticos, alteração do humor, pensamentos suicidas. Tem base no modelo educativo inserido nas crianças durante a primeira infância, ou seja, dos zero aos seis anos de idade, a criança absorve inconscientemente os comportamentos agressivos aos quais fora submetida ou tenha presenciado, e os projeta em suas ações diante de suas vítimas. Reproduz a agressividade que sofreu ou a reprime, o que acaba comprometendo, de uma maneira ou de outra, o seu desenvolvimento social.

2.2 CYBERBULLYING

O desenvolvimento, o barateamento e a conseqüente popularização das tecnologias faz com que cada vez mais cedo os jovens tenham contato com computadores e celulares. Muitas vezes a facilitação desse acesso sem a devida orientação sobre os modos e as conseqüências do uso dessas tecnologias, pode causar resultados desastrosos. A internet, assim como é utilizada para o compartilhamento de conhecimentos, para a diversão, para o diálogo construtivo entre as pessoas pode tornar-se um meio de disseminação do bullying, assim como recursos de mensagens presentes em celulares, de ferramentas úteis à comunicação, podem transformar-se em veículo de ódio e de desrespeito.

Segundo o que relata Ana Beatriz Barbosa Silva, em seu livro *Mentes Perigosas*:

Os praticantes de cyberbullying ou bullying virtual utilizam, na sua prática, os mais atuais e modernos instrumentos da internet e de outros avanços tecnológicos na área da informação e da comunicação (fixa ou móvel) com o covarde intuito de constranger, humilhar e maltratar suas vítimas. Essa nova modalidade de bullying vem preocupando especialistas em comportamento humano, pais e professores em todo o mundo. E isso se deve ao fato de ser imensurável o efeito multiplicador do sofrimento das vítimas. Os ataques perversos do cyberbullying extrapolam, em muito, os muros das escolas e de alguns pontos de encontro reais (SILVA, 2009, 98)

Ao mesmo tempo em que nos permite uma flexibilidade no seu uso, uma liberdade ao teclar e editar através da tela de um computador ou celular sem se preocupar com detalhes de escrita correta, normas bibliográficas, fotos com boa resolução, não há um controle rigoroso, você cria e se quiser pode postar para milhões de pessoas no mundo todo visualizarem, nos permite uma liberdade de expressão.

O trabalho da professora Lidiane de Oliveira, apresentado também como monografia final na especialização em Mídias na Educação, reflete sobre as Redes Sociais e o Bullying Virtual, e chama a atenção para o fato de que os espaços virtuais de interação despertam facilmente interesses e instigam participações das pessoas:

“é através das interações que se tem através das redes sociais que muitos vão descobrir ou criar novas identidades, a possibilidade de ser mais um anônimo ou poder ser outra pessoa muitas vezes, pode vir a aumentar o interesse de muitos pelas redes sociais. Poder estar em um grupo onde todos compartilham dos mesmos interesses, tem afinidades, discutem ideias ou até mesmo obter um relacionamento afetivo é algo que desperta o interesse de muitos em participar (OLIVEIRA, 2012, 21)

O cyberbullying espalha-se na internet de forma incontrolável e por diversos meios: mensagens de caráter difamatório, fotos e vídeos comprometedores, perfis, comunidades, blogs, listas de discussão propositalmente criados para atingir a honra e a moral de um determinado indivíduo. As vítimas não apresentam um perfil determinado, podendo esse fenômeno ser apenas uma continuação do bullying escolar e de suas variações (mobbing, bullying homofóbico, dentre outras) ou originar-se em meio virtual. Nesse segundo caso, são escolhidas aleatoriamente por agressores, que em grande parte das vezes não as conhece no mundo real.

Escondendo-se atrás de fakes (perfis falsos) os agressores sentem-se seguros e protegidos para atacar suas vítimas e multiplicar a dor e a angústia em escala global.

O cyberbullying como já foi mencionado anteriormente, é uma prática realizada por meios virtuais, porém com o mesmo objetivo: humilhar, ridicularizar e difamar pessoas. Os autores normalmente não se identificam causando maior insegurança e intimidação aos seus alvos. Esse tipo de ofensa pode ser praticada das mais variadas formas e tem uma característica que é a rápida

disseminação pela rede, ou seja, em pouco tempo é disponibilizada em uma infinidade de sites e blogs. Dificilmente a vítima consegue extirpar a informação de todos os locais aonde se encontra.

Dentre os recursos que podem ser utilizados pelos autores de cyberbullying temos o envio de e-mails ofensivos para a vítima ou conhecidos dela, envio de mensagens para celulares, postagem de vídeos, publicação de ofensas em sites, blogs, redes sociais, fóruns de discussão, mensageiros instantâneos.

O cyberbullying, por ser uma forma de bullying indireto e não presencial, implica o fato de o agressor, já que não tem contato direto com a vítima, não ver a dor e o sofrimento dela, e ter significativamente prejudicada sua capacidade de empatia.

Neste mesmo sentido, Prados e Fernández (2007) apontam que o cyberbullying facilita a ação do agressor, uma vez que é possível atuar no anonimato, ao omitir sua identidade, inibindo, assim, a sua descoberta e inspirando a impunidade. O que vai reforçar a posição de Silva (2010) quando diz que nesse contexto, o bullying virtual encontra fatores bastante propícios para se proliferar de forma sombriamente imprevisível. Assim, o cyberbullying mostra-se um reflexo exato da cultura alicerçada na ausência de coletividade e sensibilidade e como uma forma de ataque cruel que vai além dos muros da escola.

O cyberbullying, de forma semelhante ao bullying, é muito frequente no ambiente escolar, entre jovens, porém pode ser praticado também no ambiente corporativo, no seio familiar, entre vizinhos, amigos ou em outros ambientes. Atualmente, inclusive, temos percebido cada vez mais uma ampliação do cyberbullying para espaços além da escola e da família, com consequências cujos resultados fogem ao controle de qualquer envolvido. Exemplo disso são as recentes manifestações de rua que tomaram conta do país, cujo ápice foi o dia 15 de março de 2015, cuja divulgação se deu, fortemente, pelas redes sociais, e cujo caráter de crítica, de violência e de perseguição a quem pensa diferente é gritante.

Moran (1998) nos coloca que a internet está explodindo como a mídia mais promissora desde a implantação da televisão. É a mídia mais aberta,

descentralizada e, por isso mesmo, mais ameaçadora para os grupos políticos e econômicos hegemônicos. Aumenta o número de pessoas ou grupos que criam na internet suas próprias revistas, emissoras de rádio ou de televisão sem pedir licença ao Estado ou estar vinculados a setores econômicos tradicionais. Cada um pode dizer nela o que quer, conversar com quem desejar, oferecer os serviços que considerar convenientes. Como resultado, começamos a assistir a tentativas de controlá-la de forma clara ou sutil.

Em nosso dia-a-dia temos visto o cyberbullying ser praticado pelos mais variados motivos, desde diferenças entre características físicas das pessoas, como por exemplo, um indivíduo que usa óculos, que é obeso, que tem alguma deformidade física ou em relação a outras características, como nos casos em que um jovem se destaca muito intelectualmente ou que possui uma religião, etnia ou preferência sexual diferente da maioria.

Para Fante e Pedra (2008, p.67) a dificuldade de se colocar no lugar do outro gera:

...instabilidade entre os jovens, muitos praticantes acreditam que seus atos não são prejudiciais, são apenas “brincadeiras” sem maiores consequências. Por outro lado, acreditam que se, descobertos, nada lhes acontecerá, uma vez que são menores de idade e o Estatuto da Criança e do Adolescente os protegerá. Neste caso, ignoram os deveres, as responsabilidades e as penalidades previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente e que poderão ser apenas na forma da lei. Outros não têm a devida noção de que ao repassar a mensagem dolosa se tornam co-autores da agressão e também são passivos a punição[...]

Esse tipo de problema tem proporcionado diversas consequências, como traumas, baixo desempenho escolar, depressão, sentimento de inferioridade, dificuldade nos relacionamentos e outros malefícios. A socialização fica comprometida pelo fato de seus amigos serem vistos como suspeitos. Algumas delas ficam isolada e não tem vontade de voltar a escola, assim começam a faltar

as aulas com frequência com intuito de cessar os ataques. E outras não aguentam as “gozações” e mudam de escola, levando dentro de si a dor emocional e a frustração de ter a reputação manchada.

Embora as tecnologias da informação tem um aumento crescente entre os jovens, cresce também as formas de hostilização, revelando um importante fortalecimento de comportamentos nocivos, maldosos e repetidos contra as pessoas.

O rápido acesso as informações vem crescendo muito, já que por via e-mail pode se repassar para várias pessoas, assim como no youtube onde o acesso rápido e fácil, assim como em redes sociais como o facebook onde rapidamente podem ser compartilhadas. Infelizmente esse fácil e rápido acesso, para as vítimas dos cyberbullying se torna algo inatingível, pois ele não poderá controlar a ação dos cyberbullying já que elas nem sabem quem está provocando toda esta situação o impacto emocional em alguns casos é tão grande que as vítimas se sentem “de mão amarradas” e se silenciam.

A gravidade da prática nos remete sempre à questão do futuro, ou seja, que tipo de cidadãos estamos formando? Fracos para suportarem as agressões e super valentões a ponto de permitirmos cegamente que haja o cyberbullying e nos acostumemos a ver que tudo não passa de “brincadeiras pueris”. Até quando nos permitiremos ver esta violência que adoece como algo que faça parte do cotidiano?

Um documentário produzido pela UFF (CARRANO, 2013), retrata como a comunidade escolar de um colégio carioca usa e se relaciona pelo facebook. Preocupados com questões como essa, os professores da escola tiveram como objetivo de revelar as dinâmicas de como essa interação fora da escola acontecia e para isso docentes e estudantes foram incentivados, em grupos, a debater o tema. O documentário foi um dos resultados da pesquisa Redes Sociais na Escola, realizada pelo Observatório Jovem, da Universidade Federal Fluminense (UFF). “O espaço pedagógico da escola era pouco aberto para surpresas e as redes sociais nos abrem para o inesperado. A interação de professores e alunos nesse espaço permitiu que um conheça uma faceta do outro que não é demonstrada na escola”, afirma Paulo Carrano (2013), coordenador do observatório e docente na faculdade e educação da UFF.

A professora Claudia Rodrigues relata que usava a rede para se comunicar com seus amigos. Mas quando viu que as turmas do ensino médio tinham grupos das salas na rede, enxergou como um canal de comunicação com eles. O grupo é bastante utilizado pelos estudantes para a troca de materiais que os ajudam a estudar para provas, a realizar trabalhos e mesmo para continuar o debate sobre algum tema inicialmente abordado em classe.

Segundo professora de história Luciana Dias, defende essa relação como um estímulo a aceitação individual. “É uma oportunidade que a gente tem de ensinar nossos alunos a sermos respeitados pelo que somos. Eu não vejo essa diferença, eu não sou a professora e a não professora. Eu sou eu, Luciana”.

Em um artigo publicado pela Universidade Federal de Goiás os autores Delcídes Rodrigues de Assis e Leonardo Antonio Alves ressaltam a importância do papel da internet na interação social, principalmente no que diz respeito a mistura da vida dentro das instituições de ensino com a pessoal:

É na junção desses planos através das redes sociais que a reação professor-aluno pode progredir. Apropriando-se das redes como meio de comunicação, o aprendizado será uma conquista mútua, dos alunos que conseguem tirar proveito de uma relação amistosa com seus professores, e destes, que na medida em que admitem as redes sociais como um novo ambiente de aprendizagem, podem utilizá-la, por exemplo, para postar os conteúdos propostos para as disciplinas (ASSIS, 105, 2010)

É uma forma de estreitar as relações com nossos alunos, ficando sabendo um pouco mais da vida deles, o que também é bastante importante para o processo de ensino aprendizagem, muitas vezes eles tem comportamentos diferentes da sala de aula.

2.3 O papel da escola diante desse problema

Segundo Calhau (2010), o ensino no Brasil atualmente está passando por uma fase muito difícil. Os alunos atuais não estão respeitando os limites dentro da escola, pois alguns pais no início da infância dos filhos não trabalharam com eles o respeito ao próximo, tendo uma visão que a educação é responsabilidade apenas do professor e da instituição de ensino.

De acordo com uma pesquisa realizada pela ABRAPIA no ano de 2003 as maiorias das agressões de bullying acontecem na sala de aula com a presença do professor. Com estes dados fica evidente o papel do professor e da escola diante do bullying escolar. Segundo Silva (2010), o comportamento agressivo entre adolescentes é um dos fenômenos que mais preocupa os pais e os professores, principalmente porque agressividade acontece de forma física e verbal.

Fante e Pedra (2008), afirmam que a maioria das escolas não estão preparadas para discutir a questão sobre o bullying, pois muitas vezes esses profissionais da educação não tem o preparo adequado para solucionar esses problemas. E por esse motivo acabam prejudicando ainda mais o desenrolar desses casos, pois, muitas vezes os próprios profissionais reproduzem o preconceito dentro da instituição escolar, fazendo piadinhas, imitações e brincadeiras desagradáveis constrangendo os alunos perante os colegas de classe.

Segundo Chalita (2008), cabe a escola perceber as necessidades e encontrar recursos para ajudar os alunos no combate ao bullying, por meio de aulas específicas, da exploração de temas transversais em diferentes disciplinas e com campanhas e propostas que auxiliem no combate ao bullying.

Diante de diversos casos de bullying e cyberbullying, nos chama a atenção o fato de que, apesar de ser um problema que existe em todas as escolas, poucas têm consciência da sua existência ou mesmo das graves consequências advindas desses atos cruéis e intimidadores. Em muitos casos, ele é confundido com indisciplina e ou mesmo brincadeiras próprias da idade.

Uma estudante de 12 anos foi agredida na rua em frente à Escola Estadual João Guidotti, na tarde da segunda-feira (23), setembro de 2013 no bairro Morumbi, em Piracicaba (SP). De acordo com a adolescente, a agressão ocorreu na saída da aula, quando ao menos cinco meninas a cercaram e começaram a bater. A garota relatou ainda que há um mês vinha sofrendo bullying na escola. "Elas me chamam de gorda e dizem que tenho um monte de estrias", afirmou. Após a agressão, a mãe da jovem a levou para a delegacia, onde foi registrado um boletim de ocorrência.

O pai da estudante acredita que a agressão tenha sido premeditada, já que enquanto algumas meninas batiam outras filmavam a ação. "Fiquei horrorizado. Minha filha chegou em casa toda ensanguentada e um bando de garotas perseguindo ela. Só pararam de bater porque ela fugiu e, como moramos a poucos metros da escola, eu sai na rua para ajudar."

Os pais da aluna também reclamam da falta de segurança na porta da escola, já que no momento da agressão não havia nenhum tipo de policiamento externo. Consultada sobre o caso, a Secretaria de Estado da Educação informou que a briga ocorreu no lado de fora da escola. Sobre a reclamação de bullying, a pasta relatou que as ações pedagógicas que cabem à instituição são feitas permanentemente com os estudantes. A secretaria disse também que os pais das meninas envolvidas na agressão foram convocadas para uma reunião com a diretoria.

É preciso reconhecer a agressividade e combatê-la no lugar onde é produzida e se torna visível, com ações e ferramentas capazes de diminuir o fenômeno, mas ao mesmo tempo de expressar-se numa linguagem nova no momento do confronto.

o agressor experimenta a sensação de consolidação de suas condutas autoritárias[...], tendo como resultados previstos: o distanciamento e a falta de adaptação aos objetivos escolares, a supervalorização da violência como forma de obtenção de poder, o desenvolvimento de habilidades para futuras condutas delituosas - caminho que pode conduzi-lo ao mundo do crime-, além da projeção dessa condutas violentas na vida

adulta, tornando-se pessoa de difícil convivência nas mais diversas áreas da vida: pessoal, profissional e social. (FANTE, 2008, p.80)

Eric Harris, de 18 anos, e Dylan Klebold, de 17 anos, mataram 13 colegas de escola, feriram 21 pessoas entre colegas e professores e se suicidaram. O massacre aconteceu no estado do Colorado, Estados Unidos da América, em 20 de abril de 1999, no Instituto Columbine. Depoimentos de colegas revelaram que os dois eram ridicularizados frequentemente pelos atletas da escola, eram solitários e excluídos dos grupos sociais. Informações encontradas em seus computadores, registradas em diários, apontavam que ambos planejavam vingança utilizando um arsenal comprado pela internet. (SILVA, 2005, p.78)

Chalita (2008) também traz um relato que reforça o apresentado por Silva, como o caso do jovem Vijay Singh, de 13 anos, na cidade de Manchester, Inglaterra. Vijay cometeu suicídio, em 1993, após incontáveis agressões sofridas na escola e relatadas em seu diário. No diário, o jovem descreveu o dia de sábado como o da liberdade, pois justamente neste dia ele enforcou-se com um lençol de seda em casa. Infelizmente, suicídios de crianças e adolescentes vítimas de bullying não são fatos raros.

Estes relatos apontam que as reações das vítimas do bullying podem variar. Geralmente, as vítimas de bullying não reagem às agressões, preferem o isolamento e adotam a lei do silêncio. Entretanto, em alguns casos, a vítima decide reagir por tomar uma atitude contra si mesma ou contra outros, induzida por um espírito de vingança. Nestes casos extremos, a vítima assume o papel do agressor.

A escola não deve ser apenas um local de ensino formal, mas também de formação cidadã, de direitos e deveres, amizade, cooperação e solidariedade. Agir contra o bullying é uma forma adequada e eficiente de diminuir a violência entre estudantes e na sociedade, mas, acima de tudo, é uma maneira de construir relações de respeito e de diálogo, de sensibilidade para com o diferente, de atenção para o que é da ordem do individual.

A escola deve conscientizar os professores e pais dos alunos sobre o que é o bullying, deve esclarecer acerca das características dos agressores e sintomas apresentados pelas vítimas, e, acima de tudo, deve também criar uma fonte de diálogo entre a escola e o aluno, ajudando a transparecer, a ele, segurança e compreensão para que ele possa se abrir e levar algum problema ao conhecimento de todos que os cercam.

A parceria da escola, aluno e pais é muito importante para evitar o bullying.

3. O Cyberbullying pelo olhar dos professores

3.1 Contexto da Escola

A escola em que atuo é da rede municipal de ensino e está localizada na zona urbana. Possui atualmente 566 alunos de educação infantil ao ensino fundamental 9º ano.

O corpo docente da escola é constituído por 44 professores que possuem graduação e especialização em sua respectiva área de atuação, também conta com 5 estagiários, 12 monitores e 15 funcionários. Na medida do possível, os mesmos estão buscando aprimorar seus conhecimentos através de cursos, palestras, oficinas e outros. Os professores têm articulado os conhecimentos socialmente produzidos com experiências dos alunos, de modo que estes possam aprender os conhecimentos científicos e aplicá-los em situações do cotidiano.

A direção da escola é muito ativa e participativa, percebe o que está certo ou errado, em que pode melhorar em si mesmo, nos professores, nos alunos, nos objetivos da escola, na visão que os outros fazem da instituição, nas suas próprias atitudes e habilidades. O diretor da escola demonstra estar satisfeito com o trabalho que desenvolve, isso causa motivação, e trabalhar motivado é o caminho para o sucesso.

O importante é que o diretor valorize o que cada um tem de bom, demonstrando seu nível de satisfação com os mesmos. Isso acontece quando fala aos pais dos alunos sobre as conquistas alcançadas, sobre os projetos e metas que serão atingidos. Esses objetivos devem ser traçados pelo grupo, pela equipe pedagógica e administrativa da escola.

Na escola também há um supervisor escolar, cuja função é orientar o grupo de professores, desafiar, instigar, questionar, motivar, despertando neles o desejo, o prazer, o envolvimento com o trabalho desenvolvido e dividindo as alegrias dos resultados obtidos.

A ação do supervisor escolar é atribuída a funções complexas, de apoio e parceria com o professor o tipo de relação que ele estabelece com o grupo de professores, o qual lidera, passa a ser a essência do desenvolvimento de seu trabalho. O supervisor da escola é o profissional organizador ou orientador do trabalho pedagógico desenvolvido pelos professores em uma escola.

As crianças atendidas possuem situação socioeconômica média-baixa, já que em sua maioria apresentam renda familiar de um à três salários. A composição familiar gira em torno de um à cinco filhos, e as crianças, na maioria das vezes, moram com os pais, avós ou, só mãe ou só pai, em alguns casos, com responsáveis legais.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Alexandre Bacchi tem como objetivo oportunizar ao educando a capacidade de inovar e criar, respeitando a sua individualidade e valorizando as suas vivências, para uma participação ativa no meio familiar e social e como filosofia: “Escola e Família voltadas para o desenvolvimento pleno do educando”.

Considerando a necessidade da escola em nortear sua tendência pedagógica, o objetivo é organizar o processo de ensino aprendizagem, considerando as experiências do cotidiano escolar como um lugar de construção de saberes. A beleza da prática educativa se compõe do anseio vivo de competência do docente e dos discentes e de seu sonho ético. De acordo com Freire, o saber da impossibilidade de dissociar o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos é um saber indispensável à prática docente. Não se separa prática e teoria, autoridade e liberdade, ignorância de saber, respeito ao professor de respeito aos alunos. “Se não exerço a liberdade, a autoridade, a ética, não posso ensinar o que não sei. É concretamente respeitando o direito do aluno de indagar, de duvidar, de criticar, que falo desses direitos” (FREIRE, 1999, p.107).

O PPP da escola permite que a partir destas reflexões, pensamos na qualidade do ensino e aprendizagem desta instituição, instigando a comunidade escolar numa participação cooperativa.

Nesse sentido, a educação é uma atividade mediadora no seio da prática social global, ou seja, uma das mediações pela qual o aluno, pela intervenção

do professor e por sua própria participação ativa, passa de uma experiência inicial confusa e fragmentada, a uma visão sintética, mais organizada e unificada.

Em síntese, a atuação da escola consiste na preparação do aluno para o mundo e suas contradições, fornecendo-lhe um instrumental, por meio da construção de saberes e da socialização, para uma participação organizada e ativa na democratização da sociedade.

De acordo com o PPP da escola, o professor deve possibilitar que os alunos interajam em sala de aula e ampliem seus horizontes quando formula atividades, principalmente buscando meios de fazer com que os alunos troquem ideias entre si e descubram o significado do conteúdo que está sendo ensinado.

[...] Isso supõe que o professor seja capaz de fazer os alunos trabalharem em equipe. Observemos, todavia, que frequentemente nos enganamos sobre o sentido dessa fórmula: trabalhar em equipe não consiste em fazer juntos o que se poderia fazer separadamente, menos ainda em “olhar o líder ou o aluno mais hábil do grupo fazer”. A organização do trabalho em equipe levanta problemas de gestão de classe, principalmente o da alternância entre as orientações e o trabalho coletivo e os momentos de trabalho em subgrupos. O desafio didático é inventar tarefas que imponham um verdadeira cooperação. (Perrenoud, 2000 p.63).

Muito importante destacar que na escola o laboratório de informática constitui-se num ambiente de recursos multimídia que possibilita ao aluno e professor criar e pensar criticamente, utilizando as novas tecnologias em prol da construção do seu crescimento e conhecimento, neste espaço, onde o computador é usado de forma inteligente na tentativa de provocar mudanças na abordagem pedagógica vigente.

A utilização dessas tecnologias, como mediadoras do processo ensino e aprendizagem, envolve o professor e o aluno, isto quer dizer que quem ensina e quem aprende interagem nesse processo. Essas novas tecnologias permitem novas modalidades na construção do conhecimento e na superação de barreiras de aprendizagem.

Consta no Plano Político Pedagógico da escola que o Laboratório de Informática (sala multimídias) é coordenado por um professor com conhecimento e formação na área de informática. As aulas aplicadas no Laboratório de Informática são planejadas, ministradas e orientadas pelo professor responsável pelo laboratório. Dessa forma, busca-se evidenciar a importância da utilização do Laboratório de Informática como um espaço importante no processo ensino e aprendizagem, envolvendo aluno e professor e utilizando os recursos tecnológicos disponíveis como mediadores.

A difusão das competências e habilidades a serem trabalhadas é tarefa primordial, considerando, acima de tudo, os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, e a valorização da escola como instrumento de construção de saberes podendo contribuir para tornar a sociedade mais democrática. Sendo a escola parte integrante do todo social, agir dentro dela é também agir no rumo da transformação da sociedade.

Nesse sentido, a educação é uma atividade mediadora no seio da prática social global, ou seja, uma das mediações pela qual o aluno, pela intervenção do professor e por sua própria participação ativa, passa de uma experiência inicial confusa e fragmentada, a uma visão sintética, mais organizada e unificada.

A atuação da escola consiste na preparação do aluno para o mundo e suas contradições, fornecendo-lhe um instrumental, por meio da construção de saberes e da socialização, para uma participação organizada e ativa na democratização da sociedade.

A abordagem de ensino parte de uma interação e do conhecimento prévio do aluno, com construção de outros saberes.

Tendo como objetivo a construção dos saberes e de um saber vinculado às realidades sociais, é preciso que os métodos favoreçam a correspondência dos conteúdos dos alunos, e que estes possam reconhecer nos conteúdos seus interesses, auxiliando-os na compreensão da realidade (prática social). Assim, nem se trata de métodos de transmissão do saber da pedagogia tradicional, nem da substituição pela descoberta, investigação ou livre expressão das opiniões, como se o saber pudesse ser inventado pela criança, na concepção da pedagogia renovada.

3.2. Aplicação do questionário

A pesquisa teve como objetivo principal verificar, através da visão dos professores, quais suas principais percepções sobre o bullying e o cyberbullying, quais os entendimentos que têm a respeito desse tema e que estratégias e intervenções poderiam ser feitos na escola ou pela escola para ajudá-los.

A escolha da escola foi feita pela praticidade na organização da pesquisa de campo, pois atuo na mesma há 15 anos. Foram distribuídos 20 questionários para os professores de ensino fundamental de 5º ao 9º ano. A coleta de dados ocorreu no mês de março de 2015, e foi permitido que os professores levassem os questionários consigo, para serem respondidos e entregues posteriormente.

A metodologia teve como principal instrumento de pesquisa a obtenção de dados qualitativos sobre a relação do bullying e cyberbullying no ambiente escolar, visando também a complementação dos dados quantitativos adquiridos através dos questionários, preenchendo algumas lacunas que, eventualmente, o questionário não consegue preencher, pelo fato de ser um instrumento mais objetivo e impessoal.

3.3. Principais resultados da pesquisa

A pesquisa foi realizada por meio de um questionário com 10 questões objetivas para 20 professores tendo como ênfase a percepção do professor perante o bullying e quais as estratégias que serão supostamente tomadas em cada caso. As entrevistas foram realizadas no decorrer do mês de março de 2015 na escola onde atuo, com professores do ensino fundamental de 6º ao 9º ano. Para dar início a análise dos dados, é importante lembrarmos que este estudo está voltado para analisar, interpretar, dialogar e compreender as

percepções e compreensões dos conceitos dos professores acerca do bullying e cyberbullying no ambiente escolar, a partir das quais podemos, além de melhor compreender esse recente fenômeno, entender como ele é visto dentro das escolas e propor formas de trabalhá-lo a fim de evitar seus danos para as relações interpessoais, dentro e fora dos ambientes de ensino.

Gráfico 01

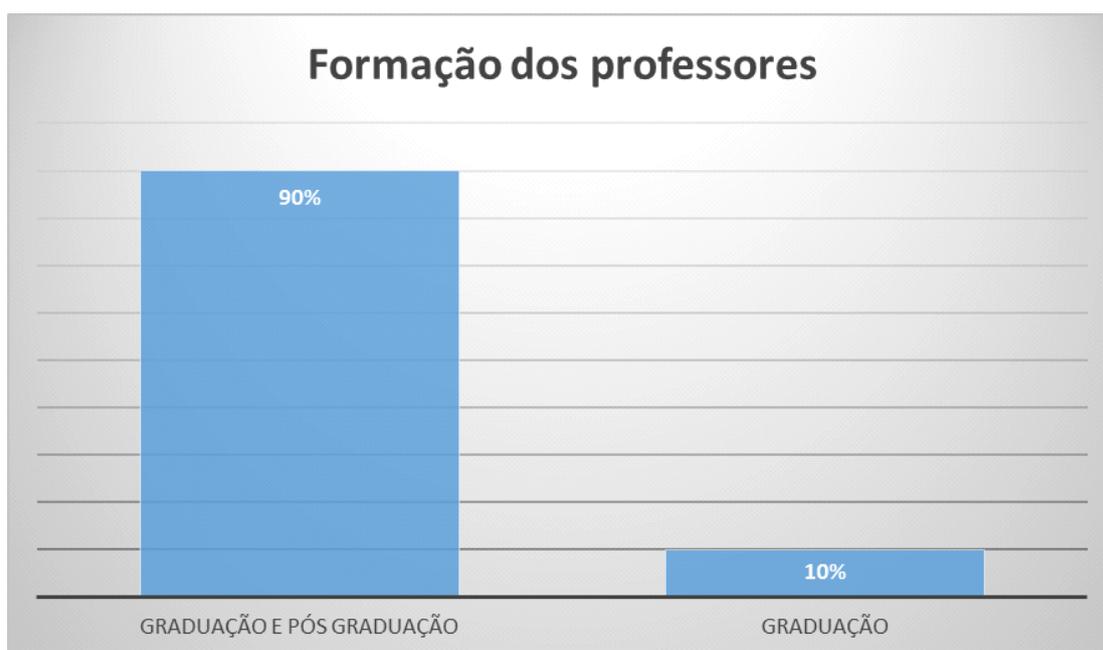


Figura 01: Qual a formação dos professores entrevistados?

Ao analisar o primeiro gráfico constatou-se que o nível de formação dos professores entrevistados é bastante favorável, 90% tem nível superior com pós graduação e apenas 10% com graduação.

Acreditando que a formação do professor é fator imprescindível para que a escola consiga alcançar melhores resultados, em todos os aspectos de sua prática docente, perceber que a escola em questão tem um quadro qualificado é um dado importante para pensar o quanto ela pode e deve incentivar o professor a adotar em sua prática cotidiana uma postura capaz de auxiliar o aluno no desenvolvimento de um processo reflexivo.

Gráfico 02

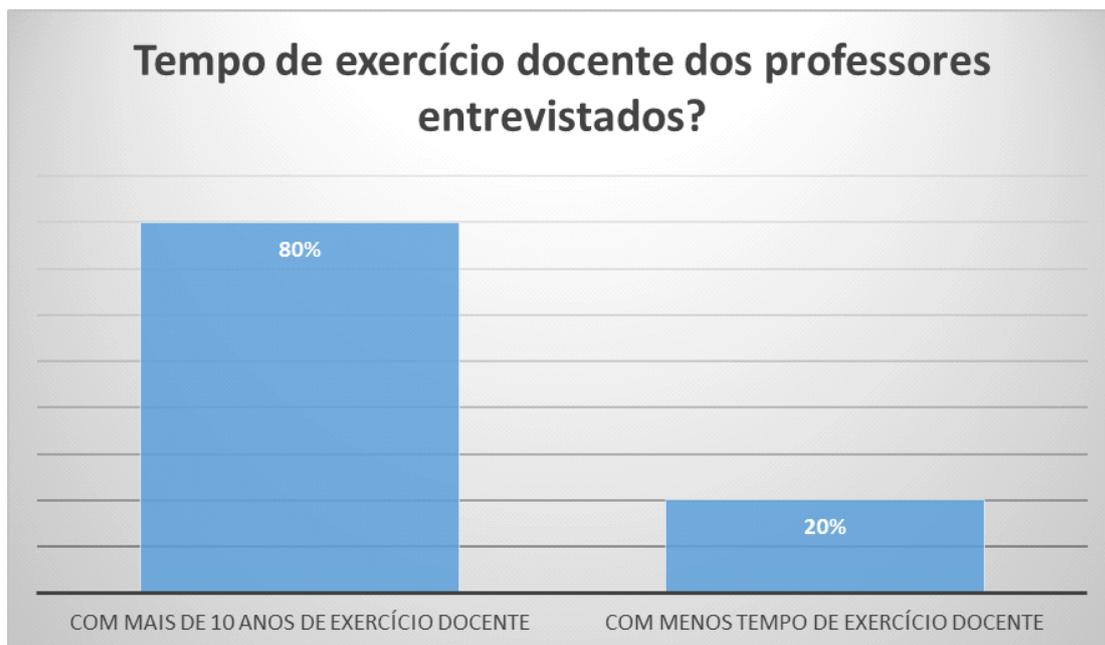
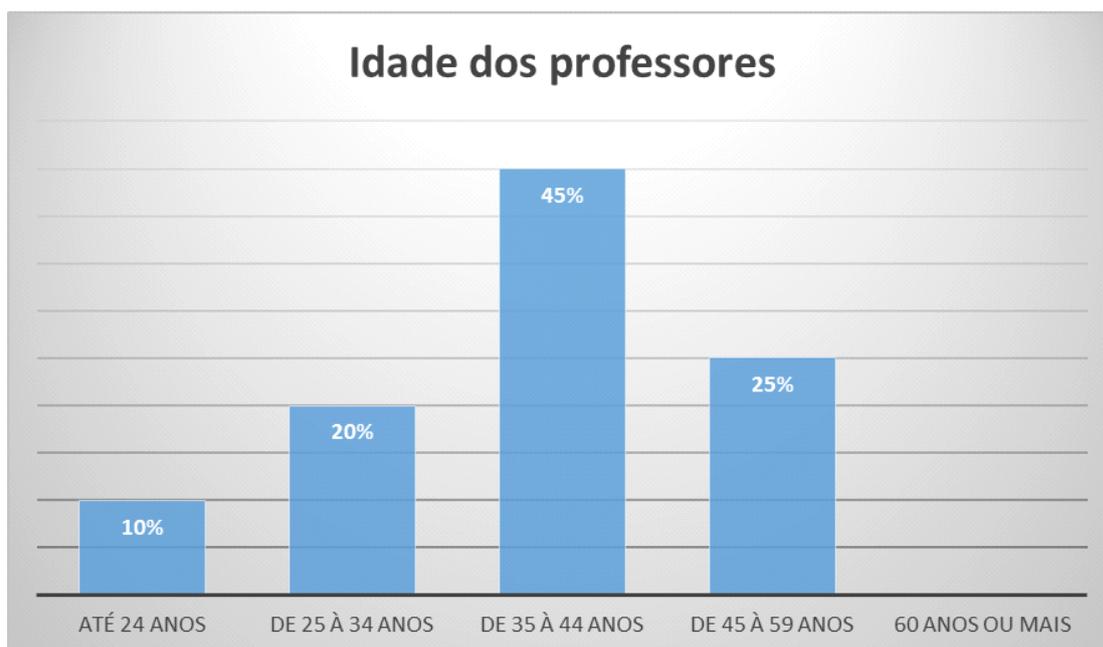


Figura 02: Qual o tempo de exercício docente dos professores entrevistados?

Conforme o gráfico 02, a grande maioria dos professores entrevistados tem mais de 10 anos de profissão, o que sugere que são professores experientes, e, conseqüentemente, com bagagem significativa de vivências que podem nos ajudar a lidar com problemáticas como a do bullying e do cyberbullying.

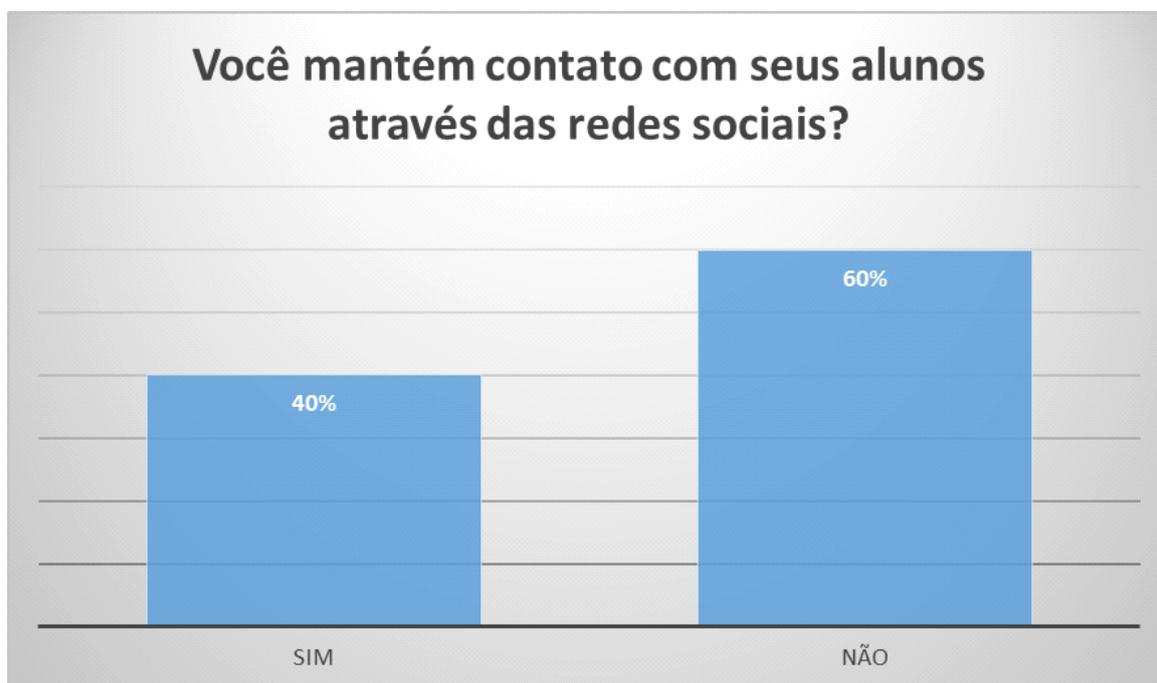
Gráfico 03

**Figura 03:** Qual é a média da idade dos professores entrevistados?

Percebemos, analisando o gráfico 03, que a maioria dos professores entrevistados têm entre 35 e 44 anos, uma das idades com menor índice de usuários das redes sociais, conforme pesquisa realizada pelo ¹ Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic.Br), que aponta que, nessa faixa etária, 65% das pessoas usam redes sociais, enquanto que, entre 16 e 24 anos esse índice sobe para 86%, por exemplo. Esses dados são importantes para pensarmos que, menos conectados do que seus alunos, os professores podem não ter exatamente o mesmo entendimento que eles têm de como funcionam as redes, e, conseqüentemente, podem também apresentar problemas em fazer um uso das mesmas para fins pedagógicos ou para ampliação das pontes de diálogo tão importantes à relação de aprendizagem que com eles estabelecem.

¹ <http://ahkemfoco.com.br/sem-categoria/redes-sociais-sao-usadas-por-todas-as-classes-sociais>

Gráfico 04

**Figura 04:** Você mantém contato com seus alunos através das redes sociais?

Como o destaque de que, no gráfico 04, 60% dos professores não mantêm contato com seus alunos através das redes sociais enquanto 40% mantêm contato, é importante perceber que, como quase a metade deles está conectada com seus alunos, há aí uma possibilidade de que eles compartilhem conteúdos, acompanhem uns os passos dos outros, observem suas posturas nas redes sociais, e assim, no caso dos professores, principalmente, possam também detectar problemas de ordem ética como o cyberbullying. Nesse sentido, penso que o professor que usa as redes deve utilizar estes meios para fortalecer a relação com os seus alunos, reforçar conteúdos e compartilhar bons exemplos. É possível, ainda, utilizar as redes fechadas para disponibilizar conteúdo, promover discussões online, mediar grupos de estudo, elaborar calendário de eventos ou organizar um chat para tirar dúvidas. Também é interessante utilizá-las para saber mais sobre a realidade dos jovens e, com isso, preparar aulas mais focadas nos interesses deles.

Conforme coloca Esteve (2005), o professor que pretende se manter no seu antigo papel perderá as novas batalhas, de modo que os alunos poderão até

mesmo superar os professores que não aderirem ao uso de ferramentas tecnológicas, os quais, diante da irreversibilidade do processo de penetração social e educacional da Internet, sentem-se muito pressionados a usá-la.

Também é importante refletir que não se pode culpar os professores, os quais ainda não se adaptaram ao pleno uso das novas tecnologias em salas de aula, ressaltando-se que muitos deles não receberam recursos financeiros e nem pedagógicos para se prepararem, considerando que suas dificuldades são ainda maiores atualmente, posto que ainda estão a resolver os problemas de aprendizagem existentes há décadas antes de o surgimento dessas tecnologias.

A onipresença da internet impõe aos educadores a escolha de abrir ou não sua vida pessoal na rede, além de trazer à tona questões como o cyberbullying. O professor deve cuidar muito bem da sua imagem na rede ou que mantenha um perfil pessoal e outro profissional, separados.

Tendência ou não, o fato de que a maior parte dos estudantes e muitos professores estão nas redes sociais impõe que uma postura mais aberta ou mais rígida para essa relação virtual seja adotada. Para não correr riscos de que limites sejam ultrapassados e erros cometidos, algumas escolas começaram a orientar seus professores sobre o relacionamento online com os alunos. Cada vez mais, a tênue linha que separa vida pessoal e vida profissional tem sido tensionada em função do uso das redes sociais, da velocidade de propagação de informações *on line*, de acesso a dados e informações por meio da internet. Nesse sentido, também cabe à escola fazer uma discussão ampla sobre esse tema, debatendo questões como direito à privacidade e formas de comunicação pública, e embora esse não seja o principal objetivo do presente trabalho, destacamos a necessidade de mais pesquisas e reflexões sobre questões como essa.

Gráfico 05

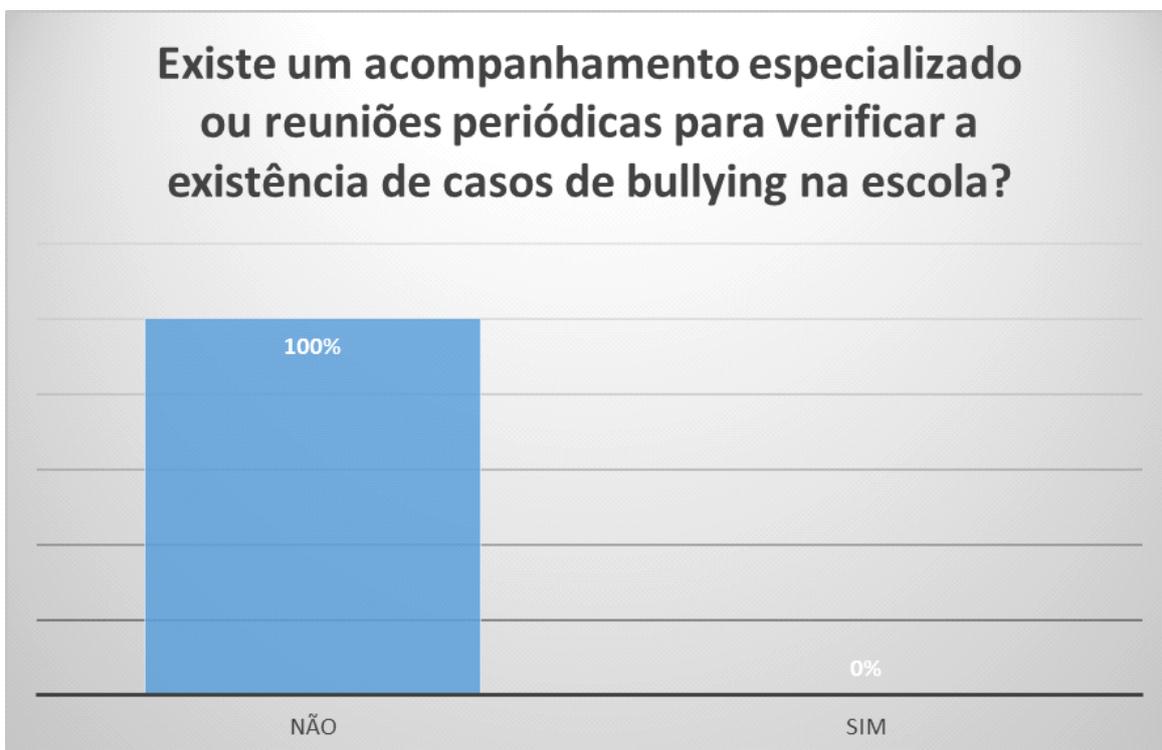


Figura 05: Existe um acompanhamento especializado ou reuniões periódicas para verificar a existência de casos de bullying na escola?

Verificou-se claramente que não há na escola um acompanhamento especializado nos casos de bullying e cyberbullying. Neste caso, ocorre um descontentamento por parte dos professores à respeito deste assunto.

Os professores entrevistados destacaram que se deve lidar e resolver de forma efetiva os casos de bullying, as escolas devem seguir em busca de um aperfeiçoamento de suas técnicas de intervenção, bem como buscar a cooperação de outras instituições, como os centros de saúde, conselhos tutelares e redes de apoio social.

Penso que é fundamental a construção de uma escola que não se restrinja a ensinar apenas o conteúdo programático, mas que também se comprometa em educar crianças e adolescentes para a prática de uma cidadania justa e eficaz.

Gráfico 06

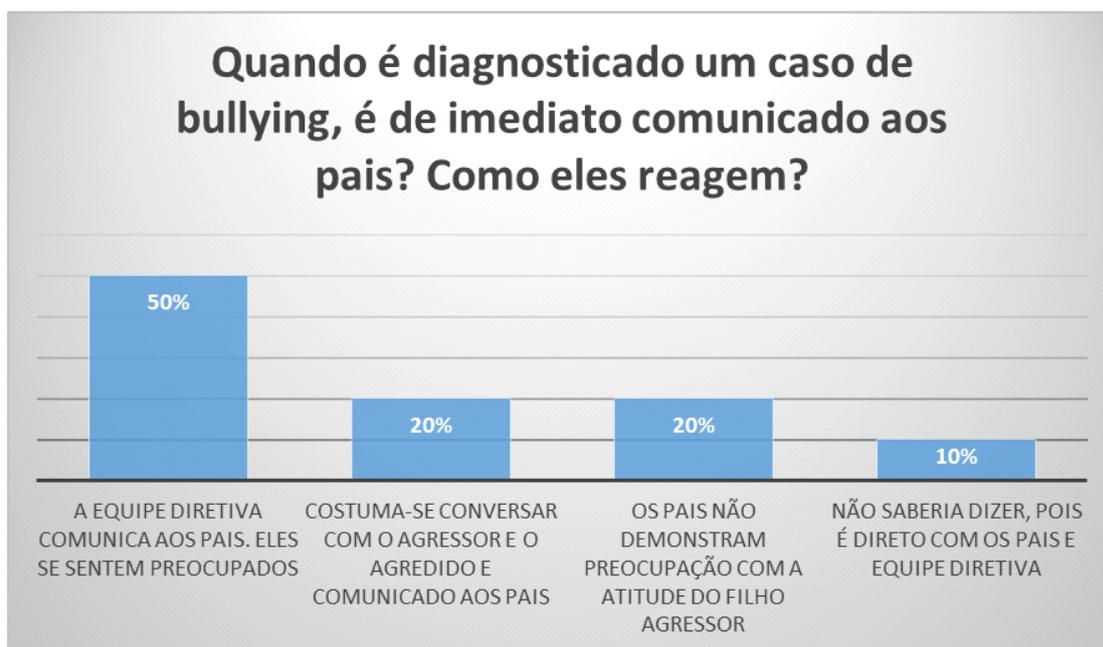


Figura 06: Quando é diagnosticado um caso de bullying, é de imediato comunicado aos pais? Como eles reagem?

Os pais em sua maioria apresentam preocupação em relação ao envolvimento de seus filhos em caso de bullying. A família, segundo os professores, é a base da educação das crianças. Segundo os mesmos, é na família que acontecem as primeiras aprendizagens da criança. Portanto, ela terá como base o que aprende com a família e, através dela, formará sua personalidade. Frente a isso os professores consideraram a família como fator primordial de influência das agressões e intimidações entre os alunos, defendendo o princípio de que as famílias na sociedade atual estão "desestruturadas" e não dão mais conta de educar seus filhos como é elucidado na fala de um professor: "várias pessoas além de pai, mãe e filhos, moram outras pessoas da família, há um desarranjo nesse sentido, então os pais deixam de cobrar o comportamento das crianças, de cobrar atividades, deixa de cobrar o empenho".

Felizmente, é de 20% a parcela dos pais que não se preocupam com a atitude de agressão de seu filho, o que, apesar de ser um número pequeno,

ainda é algo a se lamentar. Verifica-se que a presença familiar deixa a desejar, mas mesmo que isso aconteça com menos proporção, é necessário destacar a importância relevante da participação da família perante o olhar dos professores.

A conversa com o aluno agressor e agredido no momento surte efeito, mas no decorrer do dia a dia o agressor que tem essa propensão agressiva e anti social continua nas provocações, principalmente porque os atos de bullying ocorrem na ausência dos adultos, de forma dissimulada.

Gráfico 07

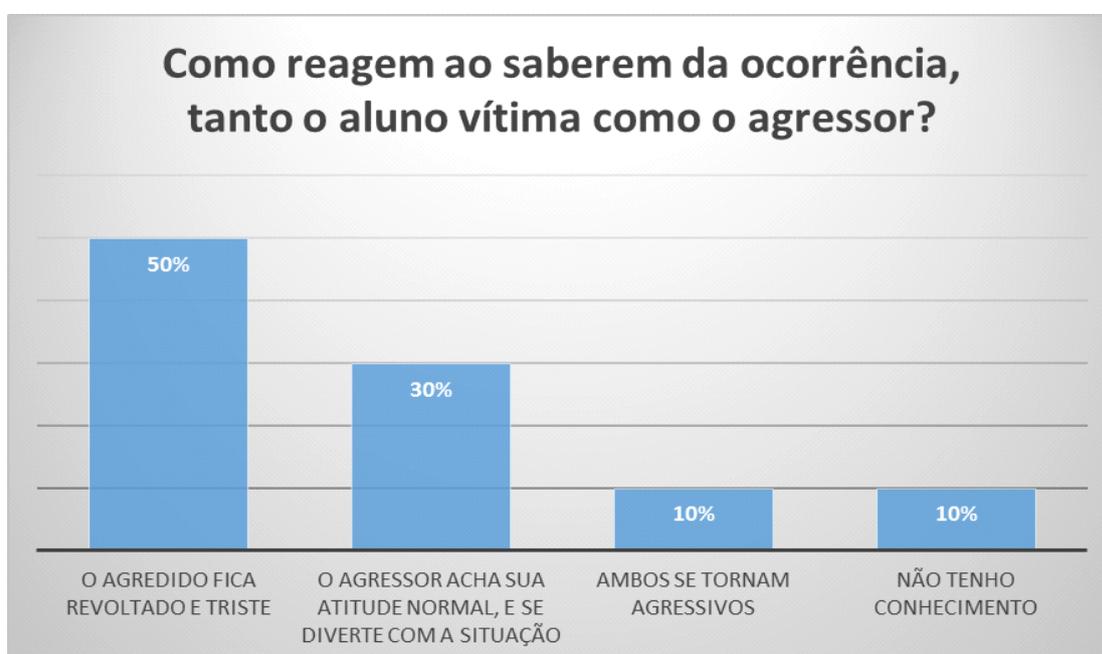


Figura 07: Como reagem ao saberem da ocorrência, tanto o aluno vítima como o agressor?

Através da pesquisa realizada, detectou-se que, para 50% dos professores há uma percepção de que o agredido fica revoltado e triste, muito provavelmente porque sente-se acuado. Normalmente pelo seu comportamento, os alunos que sofrem agressões virtuais são pouco sociáveis, sensíveis e frágeis, muitas vezes são uma espécie de escravos do grupo, e não sabem revidar por vergonha ou por conformismo, sendo muito prejudicados por ameaças e agressões.

Para 30% dos professores, o agressor acha sua atitude normal e se diverte com a situação. Normalmente, na escola, esse estudante tem um comportamento provocador e de intimidação permanente. Possui um modelo agressivo na resolução de conflitos, apresenta dificuldade de colocar-se no lugar do outro, vive uma relação familiar pouco afetiva, e tem muito pouca empatia.

Apenas para 10% dos professores os alunos, tanto vítima quanto, agressor se tornam agressivos em função do bullying ou do cyberbullying, mas é preciso atentar para que as situações em que esses problemas ocorram sejam resolvidas de forma dialogada, com orientação e apoio, mas também com firmeza e serenidade, para evitar danos à formação dos estudantes:

A violência psicológica compromete a estrutura psíquica da criança, uma vez que esta se sente desvalorizada, desprotegida, não-aceita e não-amada, percebendo-se rejeitada por aqueles que são significativos em sua vida. Esse sentimento de rejeição compromete o desenvolvimento de sua auto-estima o poder de auto- superação, uma vez que está arraigada em seu inconsciente devido aos inúmeros registros negativos que ficaram impressos em sua memória, com tendência a reproduzir tais situações de abuso em outros relacionamentos (FANTE, 2008, pg.179)

Gráfico 08

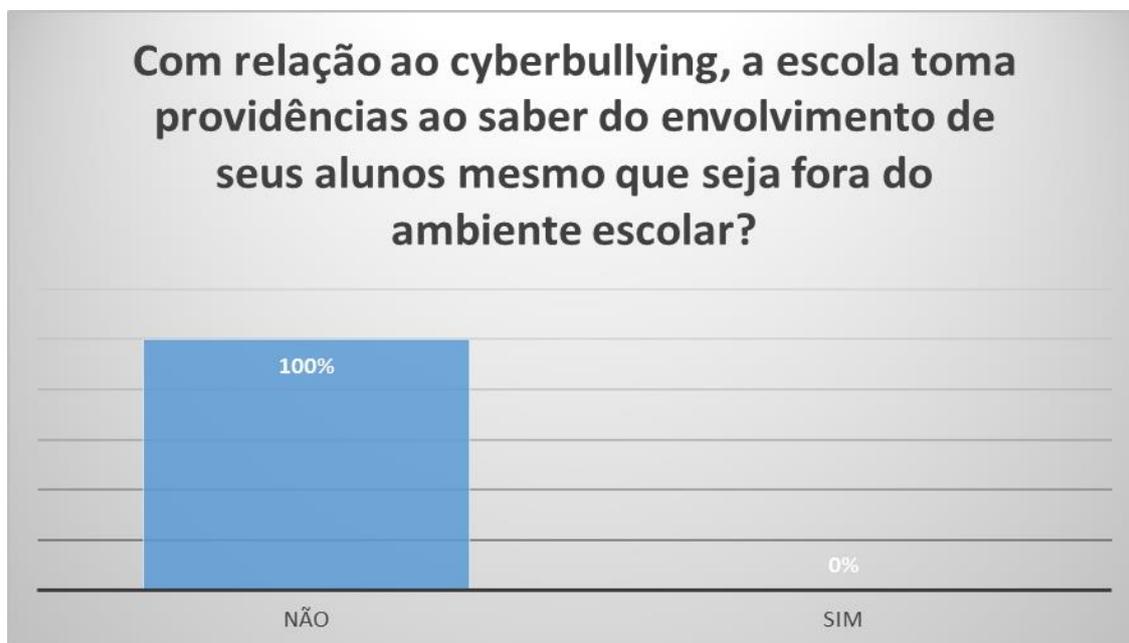


Figura 08: Com relação ao cyberbullying, a escola toma providências ao saber do envolvimento de seus alunos mesmo que seja fora do ambiente escolar?

Importante destacar que, para 100% dos professores, a escola não toma providências ao saber do envolvimento dos alunos em casos de cyberbullying. No entanto, é preciso ressaltar que a escola deixa claro que não se envolve em assuntos relacionados aos seus alunos fora da escola, e os professores entrevistados dizem que o que acontece fora da escola não diz respeito à eles. Eles reforçam, também, que o bullying não é um fenômeno moderno, mas apenas agora vem sendo reconhecido como causador de danos e merecedor de medidas especiais para a sua prevenção, pois no cotidiano escolar enfrentam-se complexas questões sociais, as quais o conhecimento pedagógico não consegue enfrentar sozinho, precisando de saberes de outras áreas, como psicólogos, assistentes sociais.

José Carlos Libâneo, mestre e doutor em Filosofia da Educação pela PUC-SP, em sua análise O contexto 'pós-moderno' e os impactos na educação, faz um breve relato sobre o momento histórico que estamos vivendo, referindo-se às transformações pelas quais a sociedade foi marcada e que várias são as

denominações que tentam defini-lo: “sociedade pós-moderna, pós-industrial ou pós-mercantil, sociedade do conhecimento. Alguns preferem entender que o tempo presente é de uma modernidade tardia” (2005, p. 26).

Novas tecnologias da comunicação e informação, ampliação e difusão da informação, novas formas de produção, circulação e consumo da cultura, colapso da divisão entre realidade e imagem, arte e vida caracterizam essa modernidade tardia.

Diante desse contexto, o papel do professor assume uma grande importância na formação dos valores atuais, que passam a ser estruturados a partir de todas as influências que o sujeito recebe da sociedade, e nesse sentido, simplesmente ignorar o que acontece fora da escola, principalmente em se tratando de ambientes virtuais e redes sociais, pode não ser a melhor alternativa. Uma escola comprometida com a formação de cidadãos responsáveis e que se preocupa com valores como respeito, tolerância e fraternidade não pode enxergar a si mesma como um espaço fechado e desconectado do mundo real, devendo ampliar suas ações e seus debates para além de seus muros.

Os educadores devem, portanto, ajudar os estudantes a construir seus próprios quadros valorativos a partir do contexto de suas próprias culturas, não havendo valores com sentido universal. Os valores a serem cultivados dentro de grupos particulares são a diversidade, a tolerância, a liberdade, a criatividade, as emoções, a intuição.

Gráfico 09

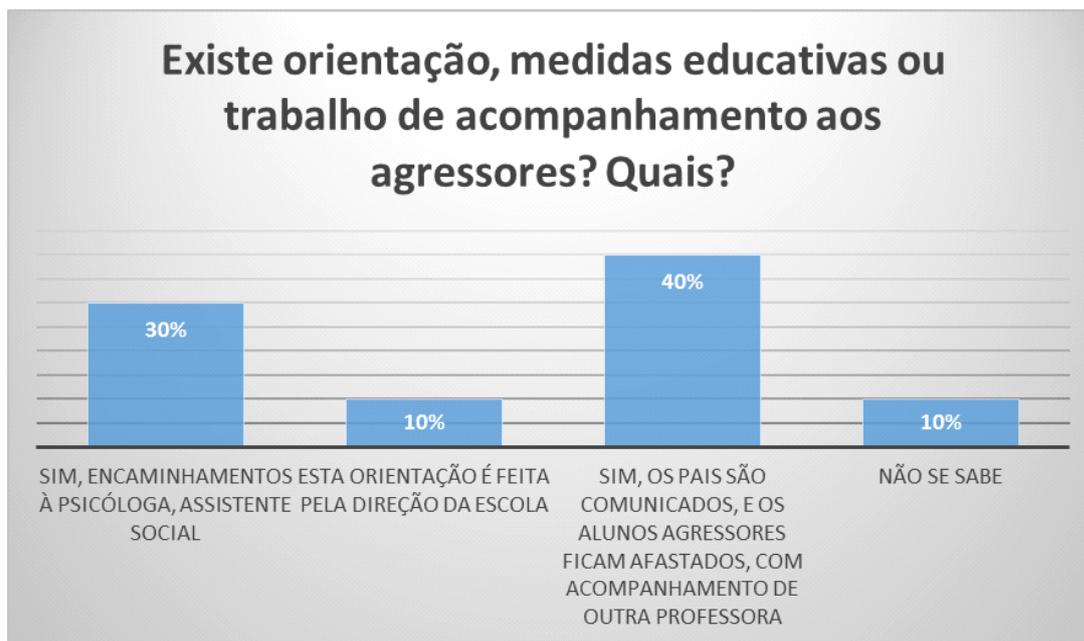


Figura 09: Existe orientação, medidas educativas ou trabalho de acompanhamento aos agressores? Quais?

Conforme o gráfico 09, 40% dos professores destacam que há medidas educativas que ocorrem de fato na escola, com um acompanhamento de um professor, mas os professores acreditam que está longe de ser algo ideal. Afastar os alunos agressores da sala de aula também pode não ser uma atitude adequada, e encaminhá-los à psicóloga ou assistente social, como destacado por 30% dos entrevistados, também pode não ser suficiente, se não houver um trabalho mais amplo, mais organizado, que envolva toda a comunidade escolar a partir de um debate que transcende a sala de aula.

é necessário que os nossos professores sejam capacitados e habilitados para lidar com esse fenômeno, uma vez que ele os atinge diretamente, a considerar o baixo rendimento, observado em vários alunos, como “resultado de seu trabalho”; também os afeta veladamente, de maneira sutil e estressante, dentre outros motivos, pelo fato de ser o professor um ser emocional, capaz de perceber e captar tanto as atitudes de interesse dos alunos

como o clima emocional da turma (Fante, 2008, p. 67).

Na verdade, as escolas não estão preparadas para a solução dos problemas decorrentes da prática do bullying e suas consequências, pois, à medida que eles avançam, perturbam toda a instituição e abalam as famílias, tanto da vítima como também dos agressores.

Gráfico 10



Figura 10: Que estratégias que poderiam ser feitas pela ou na escola para evitar o bullying e o cyberbullying, para um melhor e mais saudável uso das redes sociais?

Todas as estratégias apontadas pelos professores no gráfico 10 são pertinentes ao âmbito escolar, mas o que a maior parte dos professores destaca é sem dúvida a presença dos pais na vida escolar e social de seus filhos, o que, sem dúvidas, é uma das grandes preocupações dos educadores de hoje, que gostariam de sentir as famílias mais presentes e alinhadas com a escola. Para 30% dos professores, é importante também trabalhar e praticar os valores: amizade, respeito, raças, religiões e família.

Chama a atenção nesse gráfico que apenas 15% dos entrevistados tenham indicado como uma estratégia orientar os alunos a usar as redes sociais de modo mais saudável, talvez, justamente, porque nem todos os professores as usem, ou quando façam, o fazem fora do ambiente escolar. De qualquer maneira, como as redes sociais são uma realidade muito presente na vida dos estudantes, é preciso sim orientá-los quanto ao seu uso, mas é importante não fazer isso de modo moralista ou impositivo, e sim, integrando as redes e demais formas de comunicação às rotinas pedagógicas.

Em relação a estratégias, Fante (2008), defende que o primeiro passo para se criar estratégias anti-bullying, é a conscientização, de todo o corpo docente da escola; diretor, coordenador, professores e demais funcionários, corpo discente, e família, ou seja, um trabalho coletivo conscientizando sobre as características do fenômeno, como ele ocorre no espaço escolar e suas consequências. Em segundo lugar assumir o compromisso, organizando reuniões juntamente com a participação dos pais, com o objetivo de levantar estratégias e projetos direcionados de combate ao bullying.

Encontros e reuniões periódicas entre os profissionais da escola podem servir para organizar as ações, ampliar os conhecimentos sobre o assunto, compartilhar informações e propostas, reavaliar as estratégias, acompanhar os avanços e fortalecer os vínculos dos envolvidos. As propostas cooperativas e coletivas costumam ser eficientes e produzir resultados positivos. (CHALITA, 2008, p.204).

É necessário que o professor estabeleça vínculos com seus alunos, conquistando a confiança destes e estabelecendo o diálogo como forma de participar mais ativamente das suas vidas. Muitas vezes tem-se a concepção de que é difícil estabelecer diálogos entre jovens e adultos, devido à diferença de idade existente entre os mesmos, e talvez o uso das redes sociais, com toda a riqueza de conteúdos e recursos dos quais elas dispõem pode ser um caminho para estabelecer, ampliar e qualificar esse diálogo.

3.4. Propostas de intervenção

“[a] prevenção da violência na escola constitui simultaneamente uma ação preventiva do insucesso, da desmotivação e do abandono escolar, a curto e médio prazo, e de fenômenos de carácter social, como a delinquência e a exclusão social, a longo prazo”. (Amado e Freire)

A escola, segundo Chalita (2008), deve ser um local de acolhimento e de estímulo ao desenvolvimento e ao crescimento intelectual, sem desprezar as necessidades pessoais, sociais e afetivas dos alunos. Depois do lar é o espaço em que a criança/adolescente passa boa parte do seu dia. Este espaço deve funcionar como extensão da própria casa. E é justamente neste contexto que o bullying é mais facilmente identificado e tem mais probabilidade de ocorrência.

O fenômeno bullying sempre existiu na escola, pois é nela que residem os protagonistas centrais desta terrível prática. Apesar de reconhecer este triste dado, a escola ainda é reticente em tratar e combater o bullying dentro dos seus portões. De acordo com Silva (2010), a ação das escolas perante o assunto ainda está em fase embrionária, pois a grande maioria desconhece, se omite, se acomoda ou nega a existência do bullying. Por isso reforçamos que “de maneira prática e objetiva, a escola deve procurar meios para se informar sobre as formas que possibilitem saber quais são as experiências e os sentimentos que seus alunos possuem em relação ao bullying.” (Silva, 2010, p.163).

Para que haja uma mudança, que em virtude da gravidade dos fatos, torne-se urgente, é necessário que as escolas dêem passos significativos para o reconhecimento da existência do fenômeno bullying e dos prejuízos que a sua prática traz para os alunos. Também é necessário habilitar os profissionais que ali atuam para realizarem um diagnóstico, intervenção e encaminhamento dos atos de bullying quando identificá-los.

Fante (2008) aponta que parcerias com instituições públicas como Conselho Tutelar, Delegacia da Criança e do Adolescente, Promotoria Pública, Vara da Infância e da Juventude e Promotoria da Educação são imprescindíveis para o conhecimento e garantia do cumprimento de leis e direitos, além de indicar que outra maneira de atuar contra o bullying é consultar os alunos. Os alunos são, na verdade, a maior fonte de informações a respeito do assunto. Questionários são de grande ajuda neste sentido. Entretanto, é fundamental lembrar que cada escola é única, no sentido de possuir sua própria realidade e características, que devem ser respeitadas e levadas em consideração ao elaborar-se estratégias. As ações devem priorizar a conscientização geral; o apoio às vítimas de bullying, fazendo com que se sintam protegidas; a conscientização dos agressores sobre a incorreção de seus atos e a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro.

Fante (2008, p. 95 e 96), aponta como exemplo o Programa Educar para a Paz, por ela elaborado. O programa tem como objetivos, conscientizar os alunos sobre o fenômeno, suas características e implicações no espaço escolar, estimular nos alunos a interiorização de valores humanos, desenvolver a capacidade de empatia, refletir sobre as implicações causadas pelo bullying, e conscientizá-los de que eles são agentes de transformação da violência tornando a escola um lugar de paz. A autora propõe o esquema do programa, que pode ser utilizado como roteiro de aplicação de programas anti-bullying em outras escolas, cujos passos são os seguintes: Etapa A (Conhecimento da Realidade Escolar) tendo como primeiro passo a (conscientização e o compromisso), e como segundo passo a (investigação da realidade da escola). Etapa B (Modificação da Realidade Escolar) primeiro passo: (adoção de estratégias de intervenção e prevenção) aí estão inseridas as estratégias gerais, individuais, em sala de aula e estratégias familiares, segundo passo (novo diagnóstico da realidade escolar) incluindo a investigação da nova realidade escolar, apresentação do diagnóstico, revisão e manutenção do programa.

Os professores devem refletir sobre qual é o seu papel frente a tal violência, devem deixar claro para os alunos desde o início do ano letivo, que não serão toleradas atitudes de violência entre os alunos nas dependências da escola, devem promover de forma conjunta a construção de um contrato didático, também conhecido como combinados, por meio do qual o professor, em parceria

com os alunos, pode estabelecer regras a serem seguidas durante todo o ano. Quando o próprio aluno cria regras, estas ganham um significado maior e têm um grande impacto nas ações, dessa forma ficará claro o que será permitido ou não na sala de aula. É necessário esclarecer aos alunos o porque de atitudes como, desrespeito, preconceito, agressões físicas e verbais, não serem admitidas.

É importante também estimular os mesmos a relatarem os casos de comportamento agressivo que venham a presenciar no ambiente escolar, instigar nos alunos o interesse em pesquisar sobre o bullying no próprio espaço em que estão inseridos, entrevistando professores, alunos e funcionários com o objetivo de saber se estes conhecem o bullying e se sabem lidar com situações referentes ao mesmo no espaço escolar; divulgar o resultado das pesquisas, espalhar cartazes pela escola sobre o assunto, promover assembléias e mesas redondas para se discutir e esclarecer as dúvidas sobre o fenômeno.

Uma outra atividade proposta por Fante (2008, p.112) consiste em o professor pedir que os alunos elaborem uma redação com o seguinte tema “Minha vida escolar”, caso o professor já tenha conhecimento dos envolvidos no problema, a atividade pode proporcionar um efeito maior, pois o professor pode chamar vítima e agressor em particular, reforçando a importância do vínculo, exposto anteriormente, e estabelecer um diálogo, demonstrando, interesse, atenção e compreensão, para com ambos, lançando um olhar sensível frente ao problema, conquistando a confiança dos envolvidos, demonstrando interesse em ajudá-los a resolver tal situação.

Inicialmente o professor irá se reunir com o grupo de agressores, depois com o grupo das vítimas, e por último com os espectadores, a atividade poderá ser desenvolvida em média em duas semanas, a questão do tempo dependerá do contexto de cada classe, o professor poderá elaborar perguntas a serem feitas, como em uma entrevista, nesse momento o professor deve olhar bem nos olhos do aluno, não dialogando com um ar de superioridade ou autoridade, mas falando pausadamente, sem causar qualquer tipo de constrangimento, caso o aluno permaneça em silêncio frente às perguntas o professor deve respeitar tal posicionamento, e marcar um novo encontro.

O professor também pode utilizar vídeos, como documentários e filmes sobre o assunto, pode fazer leitura e análise de histórias referentes ao tema, organizar oficinas, elaborar treinamentos através de técnicas de dramatização que possibilitem ao aluno adquirir habilidades para lidar de diferentes formas com situações de bullying, propor a discussão do tema transversalmente nas demais disciplinas, explorando sequências didáticas, projetos, etc. A partir daí o professor pode elaborar um roteiro para desenvolver tais atividades, adequando-as às necessidades da sua classe, pois cada escola possui uma realidade, e especificidades próprias.

Costantini (2004) também reforça algumas estratégias de prevenção às consequências do bullying, como, proporcionar a escuta e a empatia, estimular o diálogo, estabelecer relações e contextos afetivamente significativos, desenvolver a reflexão crítica, incentivar a participação, estabelecer regras e limites desde os primeiros anos de vida e responsabilizar-se por si mesmo e pelos outros. Mas apesar de ressaltar tais instrumentos de intervenção, o autor sinaliza que:

[...] não há respostas infalíveis e cem por cento eficazes; ninguém tem uma varinha de condão, mas, sim, propostas de intervenção, cujos efeitos já foram experimentados em várias ocasiões, que podem ser usadas ou não para enfrentar uma relação mais difícil. (COSTANTINI, 2004, p. 21-22).

Dessa forma queremos deixar claro que as atividades propostas no presente trabalho são trazidas como alternativa de como trabalhar o problema do bullying no espaço escolar, mas não podemos afirmar, que são estratégias cem por cento eficazes, já que, o resultado obtido em uma determinada escola, pode não ser o mesmo obtido em outra, partindo do princípio de que são contextos diferentes, composto por atores diferentes, ou seja, um “mundo” de diversidades, que envolve também o contexto social, e familiar dos alunos, pois as experiências vividas em família influenciam sobremaneira no comportamento do sujeito.

Para Lopes Neto (2005), o envolvimento de professores, funcionários, pais e alunos é fundamental para a implantação de projetos de redução do bullying.

A participação de todos visa estabelecer normas, diretrizes e ações coerentes. A escola, com o seu poder multiplicador, é uma peça indispensável no combate e prevenção ao bullying.

Para isso, a escola deve criar uma verdadeira parceria com a família por convidar os pais a estarem mais presentes à escola, seja através de reuniões, seminários e outros encontros a fim de incentivá-los a participar de atividades realizadas ali. A cooperação entre escola, pais e alunos é uma tríplice força no combate ao fenômeno bullying. Em relação à contribuição dos pais nessa parceria, é importante que a escola reforce a importância de os mesmos acompanharem o uso que seus filhos fazem das ferramentas tecnológicas, principalmente das redes sociais, uma vez que, muitas vezes, os estudantes agem e interagem de forma muito independente nos espaços virtuais. É importante orientar os pais de que proibições e excesso de cobranças em relação a isso também não funcionam, e que conversas constantes e orientações dadas de modo sensato e frequente podem criar uma relação de confiança e de diálogo.

Também é importante que as escolas, dentro de suas propostas pedagógicas, tentem explorar os usos de ferramentas tecnológicas, inclusive de redes sociais, por meio das quais é possível se fazer debates sobre assuntos do cotidiano, sobre relações interpessoais, e se aprofundar temas e assuntos próprios das matrizes curriculares de forma dinâmica e atraente. A partir do momento em que o universo da virtualidade estiver inserido dentro da escola, de modo a incentivar aprendizados e interações saudáveis, pode-se melhor acompanhar a vida extraescolar dos alunos e mostrar a eles formas de serem sujeitos de novas relações, mais humanas e respeitadas.

Todo e qualquer tipo de violência deve ser combatido, reprimido, tomado todas as providências para que não se propague, considerando os fatores que originam a violência na escola e os aspectos causados cabe refletir sobre de que forma deve ser trabalhada essa questão.

A prevenção deve começar em casa, com a devida educação e repasse de valores éticos e morais aos filhos, mas quando isso não é suficiente, quando não há possibilidade de diálogo entre pais e filhos, ou até mesmo quando as famílias

não são estruturadas, faltando em muitos casos para crianças e jovens a presença do pai, mãe, ou ambos, cabe a escola promover essa prevenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo o exposto, pretendeu-se com este trabalho trazer dados que possam contribuir para uma reflexão acerca das violências que se dão por meio do bullying e do cyberbullying no contexto escolar, tendo como principal contribuição o olhar dos professores.

O bullying tem como principais envolvidos crianças e adolescentes, indivíduos em fase de descoberta e desenvolvimento, classificados como vítimas, agressores ou espectadores, dependendo da sua participação, direta ou indireta, na ocorrência do fenômeno. Diferentemente das brincadeiras inocentes, próprias do desenvolvimento humano, o bullying é considerado um ato perverso pelo seu caráter intencional e repetitivo.

As consequências do bullying são devastadores para todos os envolvidos, podendo manifestar-se desde pequenos traumas a transtornos de maiores proporções, afetando a saúde física e psicológica da vítima. Também, não se pode negar as consequências prejudiciais para agressores e espectadores.

Uma das manifestações mais atuais e frequentes do bullying é aquele que se dá, principalmente, através dos ambientes virtuais e das redes sociais, o chamado cyberbullying. Diante disso, para evitar que o uso das tecnologias exponha crianças e adolescentes a riscos de constrangimentos, exposições indevidas e agressões dos mais variados tipos, aos pais e educadores cabe a tarefa de conscientizá-los quanto as consequências de todos seus atos, reais ou virtuais, bem como oportunizar situações e espaços para discussão sobre o tema, fornecendo apoio e estando atentos a qualquer tipo de conduta que indique a prática ou a vitimização pelo cyberbullying. Sobretudo é missão e desafio dos professores e da escola, acompanhar e conhecer as atividades dessas crianças e adolescentes frente ao mundo digital, para que possam orientá-los quanto ao uso responsável e correto dessas tecnologias.

Enquanto fenômeno contemporâneo, o cyberbullying ainda requer muita atenção de estudiosos e pesquisadores do mundo todo, principalmente porque seu estudo é relativamente recente na literatura e ainda carece de uma visão

integradora para que possa ser compreendido em sua totalidade e para que ações preventivas (ou remediativas, se é que é possível) possam ser adotadas. Dada as implicações e o alcance dessa modalidade de violência, também se faz primordial uma ação sistemática e prolongada de toda a sociedade, para oportunizar a mudança de aspectos culturais intimamente relacionados a aceitação e respeito que se deve ter com relação a todo e qualquer tipo de diversidade humana, pois o melhor meio de evitar comportamentos como o cyberbullying é estimular a conscientização e o respeito incondicional às diferenças desde a tenra idade.

A escola, como instituição formadora, necessita ser um espaço seguro, tranquilo e agradável para o aluno. A prática do bullying e do cyberbullying resultam em um ambiente hostil, permeado pela agressividade e frágeis vínculos de amizade. Sem mencionar os prejuízos à aprendizagem, resultando em queda de rendimento, repetência e evasão escolar. Quando não há medidas interventivas contra o bullying, o fenômeno se dissemina e torna a escola um local cruel. Percebemos, após este estudo, o quão importante é o papel do professor na construção de uma escola mais harmônica e respeitosa. Concordamos com Morin (2010), quando nos diz que para reformarmos a escola, devemos reformar as mentes dos educadores.

As pessoas precisam praticar a paz, assim como o amor, principalmente diante de crianças, que carregam consigo traumas de comportamentos violentos durante muitos anos de vida e acabam sendo penalizadas, seja atuando como vítima ou como agressores.

A postura dos professores pesquisados diante de fenômenos como o cyberbullying precisa ser analisada a partir de sua relação com as tecnologias de comunicação e informação, de sua maior ou menor participação em redes sociais e ambientes virtuais, conforme os usos que faz de ferramentas tecnológicas em sua prática pedagógica. A pesquisa realizada na escola com os professores não atingiu totalmente os objetivos, pois à maioria deles não se sentem preparados para relacionar a aprendizagem dos alunos com relação aos tempos de hiperconectividade, de comunicações cada vez mais permeadas por tablets, smartphones e computadores, de dados e informações disponíveis *on line*, não se pode entender que a escola e a vida dos estudantes e professores

estejam separadas, desconectadas, como tratassem-se de mundos distintos e sem ligações. As tecnologias tem, cada vez mais, ultrapassado barreiras físicas, institucionais e cognitivas, é preciso que a escola amplie suas ações de ação e reflexão juntamente com os novos modos de expressão e de comunicação próprios desses nossos tempos. Nesse sentido, e diante de tanta agressividade e intolerância percebidas nas relações virtuais, não se pode negar a imprescindível importância dos educadores para que possa ocorrer uma reflexão e intervenção que reflita competência, compromisso, aprendizagem e institua uma cultura de paz.

Enquanto a sociedade não compreender o bullying e o cyberbullying como um problema de saúde pública desde século XXI, é provável que não se reduzam outras formas de comportamentos agressivos, já que a criança ou adolescente que é alvo ou vítima dessa agressão tem tendência de, no futuro, estar envolvidos em agressões perante a sociedade. Nesse sentido, compreende-se que se espera da família, da escola e do poder público o papel de promover ações para proteger a vida de crianças e adolescentes, para um mundo com menos violência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amado, J. & Freire, I., (2002). *Indisciplina e Violência na Escola – Compreender para Prevenir*, Coleção Guias Práticos. Porto: Edições Asa

ASSIS, Simone Gonçalves de (org). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Organizado por: Simone Gonçalves de Assis, Patrícia Constantino e Joviana Quintes Avanci.- Rio de Janeiro: Ministério da Educação FIOCRUZ, 2010

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases – LDB**. 1996. Disponível em:<<http://www.ldb.org.br>>. Acesso em: 10 de março de 2015

BRASIL. Ministério da Educação. **Mídias na Educação: Módulo Introdutório - Integração de Mídias na Educação Etapa 1**. Disponível em http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/introdutorio/etapa_1/p1_01.html Acesso em: 20 de março de 2015

CALHAU, L. **Bullying o que você precisa saber, identificação, prevenção e repressão**. Niteroi, Rio de Janeiro: Impetus, 2009.

CARRANO, Paulo. **Uma escola entre redes sociais**. Documentário, 22min27s. Rio de Janeiro: Observatório Jovem, UFF, 2013. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=vP2o472pjNs>>. Acessado em março de 2015.

CHALITA, Gabriel. *Pedagogia da Amizade*. **Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores**. 1ª edição. Editora Gente, 2008, 280p.<http://cienciahoje.uol.com.br/bloques/bussola/2013/06/das-redespara-as-ruas>

COSTANTINI, A. **Bullying, como combatê-lo? : prevenir e enfrentar a violência entre jovens**. Tradução: Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.

FANTE, C. **O fenômeno bullying: como prevenir nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Verus, 2008.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FERNÁNDEZ, FERNANDEZ, Alicia. **Os idiomas do aprender: análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

JESUS, Jesus, Damásio E. **Código Penal Anotado**. 9ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva. 1999. pág.439.

LIBÂNEO, José Carlos; SANTOS, Akiko. **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. São Paulo: Alínea, 2005.

MORAN, José Manuel. MORAN, José Manuel. **Mudanças na comunicação pessoal; Gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica**. São Paulo, Paulinas, 1998.

NETO, Aramis Lopes. **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes**. *Jornal de Pediatria*, vol.81, nº 5. Porto Alegre, nov. 2005. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf> Acesso em 18/07/2009.

OLIVEIRA, Lidiane Cavalheiro de. **Redes sociais e bullying virtual: um estudo de caso com alunos do ensino médio**. Monografia apresentada no curso de Especialização em Mídias na Educação, 2ª edição. UFRGS: Porto Alegre, 2012

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying : Mentres perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro, Fontanar. 2010.

Read more: <http://viniciuspinto.com/midias-sociais/redes-sociais-se-tornam-importantes-ferramentas-de-protesto/#ixzz3VnMcDE4a> **Marketing Digital e Mídias Sociais** – Vinicius Pinto — Artigos, notícias e dicas sobre Marketing Digital e Mídias Sociais, com a visão de Vinicius Pinto

ANEXO:

Questionário da pesquisa:

1. Formação:

Tempo de exercício docente:

Turmas com as quais trabalha:

Idade:

2. Você mantém contato com seus alunos por meio de redes sociais? Se sim, quais? Se não, por quê?

3. Em caso positivo, como avaliar esse contato, e até que ponto eles colaboram ou prejudicam seu trabalho?

4. Existe um acompanhamento especializado ou reuniões periódicas para verificar a existência de casos de Bullying na escola?

5. Quais as orientações que a equipe pedagógica dá aos professores em caso da ocorrência de Bullying dentro da sala de aula?

6. Quando é diagnosticado um caso de Bullying, há de imediato comunicação com os pais? Como eles reagem?

7. Como reagem ao saberem da ocorrência, tanto o aluno vítima como o agressor?

8. Com relação ao Cyberbullying, a escola toma providências ao saber do envolvimento de seus alunos mesmo que seja fora do horário escolar?

9. Existe orientação, medidas educativas ou trabalho de acompanhamento aos agressores? Quais?

10. Que estratégias, encaminhamentos que poderiam ser feito pela ou na escola para evitar o Bullying e ou Cyberbullying, e para um melhor e mais saudável uso das redes sociais?

